

EXTRA

CLASSE-ORG-BR

ANO 25 | Nº 249 | NOVEMBRO DE 2020

ENTREVISTA

Christian Dunker fala sobre as teorias da conspiração e a paranoia coletiva

EDUCAÇÃO

A pandemia abriu caminho para as plataformas de ensino e para os modelos mercantilistas



Foto: Igor Sperotto

Tinta negra em páginas brancas

A literatura feita por mulheres negras no Rio Grande do Sul, apesar dos números contrários – segundo estudo da Universidade de Brasília, de 2018, 70% dos escritores brasileiros são homens e 90% deles são brancos –, é uma poderosa ferramenta de luta e empoderamento

EDITORIAL

04 ENTREVISTA

Christian Dunker analisa as teorias da conspiração e a paranoia social

08 EDUCAÇÃO

Pandemia escancarou as portas para a mercantilização do ensino via plataformas

12 SAÚDE

Antes mesmo de superar a primeira onda de covid-19, a segunda já se aproxima

14 CULTURA

Literatura feita por mulheres negras que não aceitam os estereótipos impostos pelo público

18 WEISSHEIMER

Derrota de Trump e crise de empregos fecham o tempo para Bolsonaro

19 ENSINO PRIVADO

Políticas do Sindicato dos Professores para encarar o retorno presencial nas escolas

24 ROLIM

Série da Netflix usa a ficção para olhar fundo os meandros da política

25 ARTE +

Livreiros criticam a visão governamental para o mundo do livro

Teorias da conspiração, pandemia e literatura

O psicanalista Christian Dunker, autor de 17 livros e prêmio *Jabuti* em 2012, lançou em julho passado *Paixão pela Ignorância: a escuta entre a psicanálise e educação*. Na entrevista que concedeu ao *Extra Classe* nesta edição, ele fala sobre paranoia coletiva sistêmica e faz uma análise do nosso tempo a partir da disseminação de notícias falsas e teorias da conspiração.

Entre as muitas teorias, *QAnon*, um movimento político totalmente baseado em teorias da conspiração e que nasceu no lado obscuro da internet norte-americana. O *QAnon* tem sido usado eleitoralmente pelos partidários de Donald Trump nos EUA e já começa a tomar forma no Brasil, com alguns candidatos usando suas estratégias nas eleições municipais.

Lembrando o livro de Umberto Eco *O Cemitério de Praga* (Editora Record), Dunker diz que, a exemplo da história das ideologias, também existe a história das teorias conspiratórias. Para ele, que é um dos fundadores e coordenador do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP, o negacionismo científico é só o topo da pirâmide. "Depois que você entra em lógicas delirantes como essas, todos os sinais se invertem".

EDUCAÇÃO – A pandemia do novo coronavírus escancarou um dilema em educadores preocupados com a qualidade e segurança do ensino oferecido principalmente na educação básica. Por um lado, manter as atividades suspensas e pensar no ensino a distância como o modo mais seguro neste momento; mas, por outro, abre caminho para a ascensão de propostas vinculadas ao viés financeiro das instituições, já que tecnologia envolve investimentos quase sempre vultuosos. Um exemplo: a pandemia colocou no centro do debate o grupo Eleva Educação, do bilionário Jorge Paulo Lemann.

SAÚDE – UTIs lotadas, emergências fechadas por 24 horas, curva de novos contágios estável num patamar alto, mortes por covid-19 em alta. O cenário descrito podia bem ilustrar qualquer país da Europa afetado pela segunda onda do coronavírus, mas se trata de Porto Alegre: no final de outubro, os números da doença dispararam e o patamar de novos casos e de óbitos se aproximou dos índices de setembro – considerado o pico da pandemia. Ou seja, o Rio Grande do Sul nem mesmo superou a primeira onda do coronavírus e já se encaminha para um segundo cenário de surtos da doença.

ESCRITORAS NEGRAS – Em pleno mês da consciência negra, o *Extra Classe* escutou a diversidade da cena literária composta por autoras negras. A literatura feita por mulheres negras no Rio Grande do Sul, apesar dos números contrários (segundo estudo da Universidade de Brasília, de 2018, 70% dos escritores brasileiros são homens e 90% deles são brancos), é uma poderosa ferramenta de luta e empoderamento. A verdade é que, desde sempre invisibilizadas pelo racismo e pelo machismo, as escritoras afro-femininas gaúchas vieram para ficar. E, de fato, elas são muitas. Seja produzindo ficção, ensaios, crônica ou, particularmente, poesia, essas autoras têm, cada vez mais, desbravado espaços no embranquecido sistema literário do estado.



EXTRA
CLASSE-ORG-BR

REDAÇÃO: extraclasse@sinprors.org.br

Editora-chefe: Valéria Ochôa

Editores Executivos: César Fraga e Valéria Ochôa

Editor de fotografia: Igor Sperotto

Redação: César Fraga, Edimar Blazina, Gilson Camargo e Valéria Ochôa

Colaboradores: Cristiano Bastos, Flávio Ilha, Marcelo Frizon e Marcelo Menna Barreto

Colunistas: Luis Fernando Verissimo, José Fraga, Marco Aurélio Weissheimer e Marcos Rolim

Diagramação e Arte: Fabio Edy Alves/Bold Comunicação

Projeto Gráfico: Bold Comunicação e D3 Comunicação

Ilustração: Rafael Sica e Ricardo Machado

Charge/Cartum: Edgar Vasques, Rafael Corrêa e Santiago

Revisão: Lígia Halmenschlager

Comercialização: 51. 4009.2981 e 51. 99702.7283
extraclasse@sinprors.org.br

Impressão: Zero Hora

Tiragem desta edição: excepcionalmente somente em PDF e on-line

Telefones da Redação: 51. 4009.2980/2982/2983/2985

* O conteúdo dos artigos de opinião e matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Publicação mensal do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul – Sinpro/RS, filiado à CUT e Contee
Av. João Pessoa, 919 | CEP 90.040-000 | Porto Alegre | RS | Fone 51. 4009.2900

[extraclass.org.br](https://www.extraclass.org.br) [fb.com/jornalextraclass](https://www.facebook.com/jornalextraclass) [instagram.com/jornalextraclass](https://www.instagram.com/jornalextraclass)

Mutação do coronavírus I

“Há algo de podre no reino da Dinamarca”, dizia Hamlet. E há mesmo. O governo da Dinamarca ordenou sacrificar milhões de visons (animais semelhantes a doninhas) após a detecção de uma nova mutação do coronavírus SARS-CoV-2 que se espalhou entre as fazendas de criação e infectou humanos. Foram detectadas pelo menos 12 pessoas contagiadas por essa nova variante do vírus na península da Jutlândia – a parte continental que faz fronteira com a Alemanha. Segundo as autoridades dinamarquesas, essa versão do vírus representa um sério risco para a saúde pública, já que poderia se expandir pela Europa e ameaçar a eficácia das futuras vacinas contra o coronavírus.



Mutação do coronavírus II

No último dia 5 de novembro, o governo dinamarquês anunciou o confinamento rigoroso de sete municípios do norte da península de Jutlândia devido a contágios feitos por essa variante do vírus. As medidas afetam 280 mil habitantes. Restaurantes, bares, colégios, centros culturais e esportivos serão fechados por pelo menos quatro semanas, enquanto as escolas infantis ficarão abertas.

Mutação do coronavírus III

De acordo com a primeira-ministra dinamarquesa, Mette Frederiksen, esta nova variante do vírus “pode ter consequências devastadoras para a pandemia no mundo inteiro. Um vírus que sofreu mutação corre o risco de se propagar em outros países. A situação é muito séria”. A Organização Mundial da Saúde (OMS) confirmou no Twitter que está ciente das informações sobre a mutação do vírus nos visons da Dinamarca e que mantém comunicação constante com as autoridades do país.

MST implementa proposta popular de recuperação das bacias do Rio Doce e Médio Paraopeba

O dia 5 de novembro de 2015 marca a data do maior crime ambiental já registrado na história do Brasil. E que resultou nas mortes de 19 pessoas, além de condenar o Rio Doce à lama, desde sua nascente à foz.

Em 2020, completou-se cinco anos da impunidade desse crime, cuja responsabilidade é da Vale (Samarco e BHP) pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana.

O crime, apelidado de tragédia pelos meios de comunicação, expôs as debilidades do modelo de mineração no estado de Minas Gerais, que continua resultando em graves problemas como o rompimento da barragem em Brumadinho, ocorrido em janeiro de 2019, matando desta vez 272 trabalhadores.

De lá para cá, o luto permanente em memória dos mortos, lutas sociais pelos direitos às indenizações dos atingidos e a construção de alternativas populares de recuperação da bacia por parte dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) são algumas das ações na tentativa de devolver a vida ao Rio Doce.

INICIATIVA POPULAR – Diante da morosidade das propostas de reparação e recuperação encampadas pelas empresas, e no caso da bacia do Rio Doce, pela Fundação Renova, os trabalhadores sem-terra atingidos pelos crimes da Vale decidiram assumir o protagonismo das ações.

Desde 2018, tomou-se as seguintes diretrizes para as ações nas bacias impactadas: é legítimo o direito das famílias impactadas de buscar o acesso às indenizações e participar dos processos de recuperação.

Todas as ações construídas nos territórios da re-

forma agrária precisam fortalecer a Agroecologia, que se opõe ao modelo minerário atual. É necessário envolver as entidades dos trabalhadores nos processos de elaboração e execução dos projetos.

Assim, na Bacia do Rio Doce, o Programa Popular de Recuperação já iniciou. São projetos de reflorestamento em áreas de recarga hídrica e áreas de proteção permanente, focando na implantação de Sistemas Agroflorestais, que conciliam o plantio de árvores e produção de alimentos. E assistência técnica às famílias com intuito de garantir a recuperação econômica e ambiental das áreas atingidas. Também, um programa de formação em agroecologia, com capacitações, envolvendo diretamente as famílias atingidas.



Famílias do MST no Vale do Rio Doce recebem curso de formação em agrofloresta, que usa tecnologia para o reflorestamento

Eleições, teorias da conspiração e paranoia coletiva



por Marcelo Menna Barreto

O QAnon é um movimento baseado em teorias da conspiração nascido no lado obscuro da internet norte-americana – que tem sido usado eleitoralmente pelos partidários de Donald Trump nos EUA – e que começa a tomar forma no Brasil, com alguns candidatos já usando suas estratégias nas eleições municipais. Este foi o mote inicial desta entrevista com o psicanalista Christian Dunker.

Pós-doutorado em Patologias da Linguagem pela Manchester Metropolitan University, a conversa foi além. Com sua didática peculiar, o professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) fala de fenômenos indutores, que atijam essa “paranoia sistêmica” como o sentimento de irrelevância.

Lembrando o livro de Umberto Eco *O Cemitério de Praga* (Editora Record), Dunker diz que, a exemplo da história das ideologias, também existe a história das teorias conspiratórias.

Para ele, que é um dos fundadores e coordenador do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP, o negacionismo científico é só o topo da pirâmide. “Depois que você entra em lógicas delirantes como essas, todos os sinais se invertem”.

Christian Dunker se notabilizou pela renovação do pensamento de Jacques Lacan a partir dos conceitos da filosofia social crítica, da antropologia pós-estruturalista e das ciências da linguagem.

Autor de 17 livros, Dunker foi premiado na categoria Psicologia e Psicanálise do prêmio *Jabuti* em 2012 com o livro *Estrutura e Constituição da Clínica Psicanalítica*. Em julho passado lançou *Paixão pela Ignorância: a escuta entre a psicanálise e educação* (Editora Contracorrente)

Extra Classe – O movimento QAnon surgiu nas redes sociais americanas e ganha seguidores no Brasil. Por que teorias da conspiração conseguem arregimentar tanta gente?

Christan Dunker – Elas conseguem fazer isso sob duas condições: quando o mundo se torna mais complexo e quando a gente tem, dentro dessa complexidade, o medo da perda de posição social, de algo que ameaça os nossos valores ou algo que ofenda a nossa posição identitária no mundo. Então, essas duas coisas promovem uma resposta que a gente pode chamar de paranoia sistêmica. É a nossa tendência de interpretar que, ali, onde as coisas são mais complexas do que a nossa inteligência alcança, existe um sentido oculto. Existe uma trama oculta que, em geral, ela tende a simplificá-la.

EC – Como se dá essa simplificação?

Dunker – Tem alguns personagens. Aqueles que manipulam todo o resto. Isso promove essa simplificação. Promove uma aquietação cognitiva e emocional que, também, gera uma identificação com um grupo que passa a acreditar nessa teoria conspiratória e serve de uma nova referência de identidade. O problema é que este grupo vai estar baseado em laços cada vez mais ofensivos, cada vez mais reativos, mais odiosos em relação àqueles elementos que são percebidos como parte da trama conspiratória.

EC – Em maio de 2019, o FBI declarou que o QAnon representa uma ameaça de terrorismo doméstico. Mesmo assim, Donald Trump deixou clara a sua simpatia pelo movimento. Como explicar?

Dunker – É a adesão de autoridades, nesse caso, que inflam muito esse tipo de teoria. O objetivo é se aproveitar do dualismo que elas introduzem. É mais ou menos assim: aquele time que é mais fraco nos argumentos, que é mais fraco nos números, mais fraco nos dados, se ele jogar o jogo para catimba, para a lama, para uma situação onde 'todos os gatos são pardos', em que a gente, enfim, está

em uma concorrência de teorias as mais diversas, quem é que ganha com isto? Justamente aquele que já está com uma retórica de produção de perigos, já está com uma retórica paranoica, que já está ajustado para isso. No fundo, ele precisa da renovação periódica disso para conseguir se manter.

EC – Se por um lado as teorias da conspiração buscam a simplificação de assuntos que, digamos, muitos não conseguem explicar, por outro, como agora o senhor falou, se vê presente conotações políticas ao seu entorno. Qual a sua análise?

Dunker – Aí a gente precisa recorrer a uma segunda camada de fenômenos indutores da paranoia sistêmica. Não é a paranoia clínica, que exige cuidados, mas é aquela que floresce em situações de alta impessoalidade, de perdas de laços comunitários, redução da vida a pequenos condomínios, em que a gente vai cultivando uma relação com outro que é, assim, de distanciamento e indiferença. No fundo, isso vai se combinar com um efeito colateral desse processo, que é criar mundos de pessoas homogêneas. Mundos em que as diferenças vão sendo erradicadas e o resultado disso é um sentimento de irrelevância, um sentimento de perda de diferenças de cada um. Então, daí a ideia de que nós somos irrelevantes, inadequados, somos sub-reconhecidos, de que ninguém nos escuta. Essa ideia é instrumentalizada para a produção de violência, que é o próximo passo do processo.

EC – Como tratar isso?

Dunker – Olha, nós podemos examinar cada um dos elementos dessa equação. Mais diversidade, mais convívio com a diferença, mais esclarecimento cognitivo; recomposição das autoridades institucionais, que ainda não perceberam – de fato – e que não se transformaram para fazer frente ao novo ambiente digital. Um novo ambiente muito mais horizontal do que os que as antigas instituições estão acostumadas. Elas (as instituições), de certa forma estão indefesas, porque as defesas das instituições são institucionais, são

notas técnicas, são notas de esclarecimentos, são notas impessoais que acreditam em um debate público que mudou. Agora ele não é mais composto por figuras, assim, impessoalizadas, mas por demandas que envolvem um nível de transparência que é maior, um nível de autenticidade que é maior, um nível de pessoalização maior.

EC – Pessoalização para quê?

Dunker – Para que a gente possa individualizar responsabilidades. Uma coisa indutora dessas 'conspirações' é o nosso cotidiano. Por exemplo, a gente liga para reclamar de uma companhia telefônica e não fala com ninguém responsável. Só fala com máquinas, só fala com pessoas que procedem como máquinas, só fala com um universo burocrático onde a responsabilidade não é individualizada. Ela é lançada para o outro, ela é adiada. A pessoa se vê, então, diante de um sistema anônimo em que ela não se reconhece, onde ela vê que não tem lugar. Aí ela adere a teorias conspiratórias que, no fundo, dizem para ela: 'Por que que você é importante? Porque, pelo menos, você está vendo a verdade sobre essa situação'.

EC – Hitler se baseou fortemente em uma teoria da conspiração do início do século 20, Os Protocolos dos Sábios de Sião, para acirrar o ambiente antissemita e criar um "inimigo comum" da Alemanha para fortalecer suas ideias. Hoje, nós temos a nova extrema-direita mundial em um discurso contra o que chama globalismo. Isso não lhe parece uma espécie de segundo tempo de um jogo, já que antes o senhor falou em jogar para catimba?

Dunker – Exatamente. Essa referência a Hitler se encaixa, porque é uma prática que a gente vê em curso: a de criar uma teoria conspiratória a partir de um suposto outro. Os Protocolos dos Sábios de Sião era uma hipótese falsa de que judeus estariam tramando para tomar o poder no mundo. A partir disso, a partir de que os outros estão numa conspiração, eu autorizo a minha conspiração. Eu autorizo a ideia de que

As pessoas, em determinadas conformações de grupo, deliram! Exatamente igual a pessoas que têm uma psicose, que têm uma esquizofrenia, que têm um transtorno mental mais sério. A gente cria artificialmente sintomas. Isso é o que está acontecendo

eu possa, então, cruzar limites; eu posso atravessar leis, eu posso agir de forma não transparente. Por quê? Por que o outro já está fazendo isto.

EC – Uma espécie de autodefesa?

Dunker – Sim. É essa mesma ideia que vai reaparecer nessa parasitagem das críticas que a direita vem fazendo. A direita vem fazendo isso desde o início desse processo. Essa nova direita, o que que ela faz? Ela diz assim: se você pode ser feminista, eu posso ser machista; se você critica a globalização, eu também vou criticar a globalização e vou dizer que quem está produzindo essa globalização é você! Por que basta, vamos dizer assim, inverter as coisas, que a lógica vai continuar a mesma. Isso acrescenta um grau de veracidade, um grau de prova, para a conspiração elevada, para a metodologia política, para a retórica de governo e ao processo de autodestruição do espaço público.

EC – Como assim, parasitagem?

Dunker – Por exemplo, o movimento pós-moderno, os movimentos de correção de críticas à forma da gente falar, que com os preconceitos vão se multiplicando pela forma de dizer. Eles vão ser apropriados pela direita que diz: 'olha, isso, esse politicamente correto é uma forma de inautenticidade, isso faz parte de uma trama. Isso é um código que eles inventaram para falar entre si. Isso tudo, na verdade, a gente tem que combater'.

ENTREVISTA

EC – Falamos de que as teorias da conspiração objetivam a simplificação de temas para atingir um objetivo político. Mas, cá entre nós, não é algo surreal ouvir da boca de um ministro brasileiro que o aquecimento global é uma trama marxista; que bilionários como Bill Gates e George Soros sejam comunistas?

Dunker – Depois que você entra em lógicas delirantes como essas, todos os sinais se invertem. O Partido Nacional Socialista de Hitler seria socialista porque ele tem lá o socialismo no nome, o que é completamente falso. Você usar elementos das discussões científicas em torno do aquecimento global, por exemplo, para dizer 'olha não há consenso, tem 1% que acha que o processo não seja exatamente assim'. Vai se apegando em brechas, pegando franjas, para no fundo criar uma indeterminação da realidade que você semeia com a sua certeza delirante. Tudo aquilo que a gente não pode controlar vira meramente uma conspiração marxista, por exemplo.

EC – Agora se fala muito de comunismo, de Marxismo Cultural.

Dunker – Isso é muito interessante porque joga com as fantasias das pessoas. Fantasias se transmitem ao longo do tempo, de geração em geração. Então, é possível que a fantasia dos comunistas, os que querem fazer revolução, estivesse nos pais dos que hoje têm, sei lá, 30 anos, 40 anos. Por tocar fantasias que são transgeracionais, a gente começa a ser vulnerável para elas. Assim como mobilizações de conteúdos sexuais.

EC – Um exemplo.

Dunker – É a mamadeira de piroca. 'Olha, ela não existe, mas ela cai tão bem na minha fantasia'. Não é? É a fantasia de como alguém pode ter uma feição, que pode transformar aquela pessoa numa pessoa menos viril. Eu já tenho aquela fantasia. Então a conspiração vem dar a imagem e a forma para esses conteúdos que para você, vindo de fora, são completamente fora de propósito.

EC – O que são essas pessoas que fazem isso?

Dunker – Elas são delirantes. As pessoas, em determinadas conformações de grupo deliram! Exatamente igual a pessoas que têm uma psicose, que têm uma esquizofrenia, que têm um transtorno mental mais sério. A gente cria artificialmente sintomas. Isso é o que está acontecendo.

EC – Como o senhor vê ideias negacionistas sobre clima, terra plana, vacinas?

Dunker – A negação é um processo defensivo descrito pelo Freud. Para aquele processo de 'eu não quero aceitar a realidade'. Perdi uma pessoa querida; perdi o emprego porque eu não estou tão atualizado; perdi o emprego porque a política da empresa me desfavoreceu. Ou seja, quando eu não consigo ler e aceitar a realidade eu parto para uma negação. A negação cria uma satisfação psíquica. Ela cria uma espécie de 'olha só, eu consigo reduzir a dor, eu consigo reduzir a angústia simplesmente por um não está acontecendo'. Eu não quero que aconteça, então, não acontece; eu não quero que tenha existido, então, não existiu. Essa prerrogativa que existe na criança – criança pequena faz muito isso – pode ser reativada quando? Quando o trauma é muito grande, quando a complexidade é muito grande, quando os meus recursos simbólicos não estão muito disponíveis, quando eu estou, por exemplo, em uma situação de incerteza e anomia social, quando eu estou, assim, limitado do ponto de vista de interpretação do meu papel social.

EC – É mais complexo do que se parece, então?

Dunker – Então, o negacionismo científico é só o topo da pirâmide de um negacionismo mais banal. Que é o negacionismo da desigualdade social; o negacionismo do racismo; o negacionismo da violência cotidiana; o negacionismo da corrupção. É um negacionismo que vai se acumulando e uma hora se transforma em forma de vida. Ele se transforma em um modo para silenciar e se integrar com outras pessoas. 'Vamos nos unir pra negar juntos? Oba, que legal'. E assim se formam as massas digitais negacionistas.



O cidadão Q me parece mais a criação de uma espécie de mito. É a pessoa que, quanto mais você desafia ela, mais ela foge do debate. Mais ela diz assim: 'eu não vou aí porque se eu for eu vou macular a minha aparência'. Vai macular é o truque. Não pode. Ele depende do anonimato para manter a sua covardia. Um pouco como o Bolsonaro se mostra

EC – Por falar em massas digitais, o livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião* fez um estrago enorme em uma época onde a ideia circulava apenas de forma impressa e boca a boca. E agora, que as teorias da conspiração trafegam por redes sociais mais poderosas?

Dunker – É um momento de fato de originalidade, de início de uma nova era. Todas as vezes que a gente teve um degrau tecnológico desse tipo, a gente teve ideias regressivas que voltaram. Vamos pensar no Renascimento, vamos pensar no cosmopolitismo helênico, vamos pensar na Revolução Industrial Inglesa. Em todos os momentos em que mudaram os patamares de linguagem, você vai ter uma reação regressiva que vai durar um tempo. Vai dar trabalho enfrentar, vai dar trabalho construir marcos regulatórios para a internet. É o que a gente está fazendo.

EC – O senhor está se referindo aí a toda discussão na sociedade e no Congresso a respeito das fake news?

Dunker – Sim. A minha esperança e aposta é que a gente consiga fazer isto como parte de um

processo de resistência cultural, que a gente não precise judicializar completamente o universo digital para, por exemplo, entender que uma pessoa não possa entrar num site com um perfil falso, com um nome que não seja o dela para agredir outras pessoas. Quando a gente passar a ver pessoas fazendo comentário em um jornal, em um meio de comunicação, em uma conferência científica usando um nome falso, isso é uma coisa que a gente deve coibir. Não deixar acontecer. Por que, senão, a gente vai ter uma normatização em que as pessoas vão ser obrigadas a se submeter a cadastros, a controle do Estado. Vamos ter perdido uma janela de oportunidade muito importante para pensar a circulação da palavra em um outro nível.

EC – No caso de *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, além dos judeus, maçons também estariam por trás da trama para dominar o mundo através da destruição do mundo ocidental. Os maçons entram aí por ser uma sociedade secreta?

Dunker – Sim. Mas aí o que que acontece: assim como a gente

tem uma história das ideologias, a gente tem uma história das teorias conspiratórias. Elas apareceram, como mostrou o Umberto Eco lá no seu livro *O Cemitério de Praga* justamente na virada dos séculos 18, 19. E essa reaparição retoma coisas que estavam lá no século 16. Existe uma continuidade. O que é muito interessante é que, se os maçons, que eram uma sociedade secreta e tiveram influência, por exemplo, na República brasileira, na independência do Brasil, se isto existiu na história, a gente pode também mobilizar para a confirmação da tese de que existem seitas secretas e que elas são muito perigosas. Basta que tenham evidências históricas disso para que se possa manipular e produzir justificativas que são próprias do fascismo. O fascismo é uma revolução preventiva.

EC – Revolução preventiva?

Dunker – Ele agride antes porque já conseguiu convencer que você está sendo agredido. Que você está sendo manipulado. Por quem? (Solta um longo Ah...!) Pelas seitas invisíveis, pelos judeus, pelos maçons, pelos rosa cruz, pelos alquimistas, pelos marxistas culturais que se encontram no Foro de São Paulo que, na realidade, é uma reunião daqueles que ficam tramando para conquistar o mundo. Isso tudo pode ser assim: 'vai lá, verifica! De fato aconteceu o Foro de São Paulo. Ele foi uma espécie de congresso científico, das pessoas falando sobre polí-

tica. Não! Na verdade houve um encontro secreto por trás. Aquilo foi só um código de aparência'. O que que está sendo usado aí? A ideia de que, assim como existe uma diferença entre o público e o privado – a gente se comporta de um jeito na rua e de outro em casa – e essa diferença varia muito de pessoa para pessoa, de classe para classe, haveria, assim, uma espécie do privado do privado.

EC – Como assim?

Dunker – No caso da Maçonaria: no público, tal como ela aparece; aí, tem o privado, que são as pessoas que fazem parte dela, mas a gente não sabe como. E, no privado do privado, são aquelas pessoas agindo sobre o público secretamente, porque elas têm poderes secretos. Veja como isso ativa a nossa imaginação dos super-heróis! Do Clark Kent, que é o Super-homem; do Peter Parker, o Homem-Aranha. Já existe uma pré-disposição psíquica que a gente gosta e cultiva. Imaginar pessoas com superpoderes que não são revelados para todo mundo.

EC – Nessa lógica, que papel faz o tal cidadão Q por trás do QAnon?

Dunker – Aproveita a vulnerabilidade de todo mundo que se reconhece nele. É o 'eu sou um anônimo, não conto, ninguém me escuta, eu sou irrelevante, mas, opa, esse Q, ele me representa'. Ele é a voz dos anônimos. Ele é a

voz daqueles que se reúnem e têm um laço conspiratório entre si. De fato, é o clube dos ressentidos. É o clube dos irrelevantes.

EC – Pode nos dar um exemplo de integrante desse clube dos irrelevantes e sua teoria conspiratória?

Dunker – A gente pode sentir quando trafega um pouco no ambiente *Incel*, aqueles que são involuntariamente celibatários. Eles acham que as mulheres não querem manter relações sexuais com eles porque as mulheres estão punindo eles. Elas se reuniram e fizeram uma espécie de acordo entre elas e resolveram escolher alguns para serem privados dos 'favores sexuais' e, por isto, elas têm que ser atacadas. 'Elas estão mancomunadas pra fazer isto com a gente'. É o mesmo processo.

EC – Se os maçons – por seu caráter secreto – foram atacados, o tal cidadão Q, por ter também a sua identidade secreta, não apresentaria uma vulnerabilidade?

Dunker – Eu não sei se representa uma vulnerabilidade porque faz parte da história que ele não possa revelar a sua identidade. Não é uma fraqueza. É, assim, parte da confirmação da história. Se ele se revelar, ele vai ser perseguido, ele vai ser morto. Ele faz isto e ele tem que continuar fazendo isso. No caso do maçom, ele está associado com o quê? Com a riqueza, que ele é uma pessoa

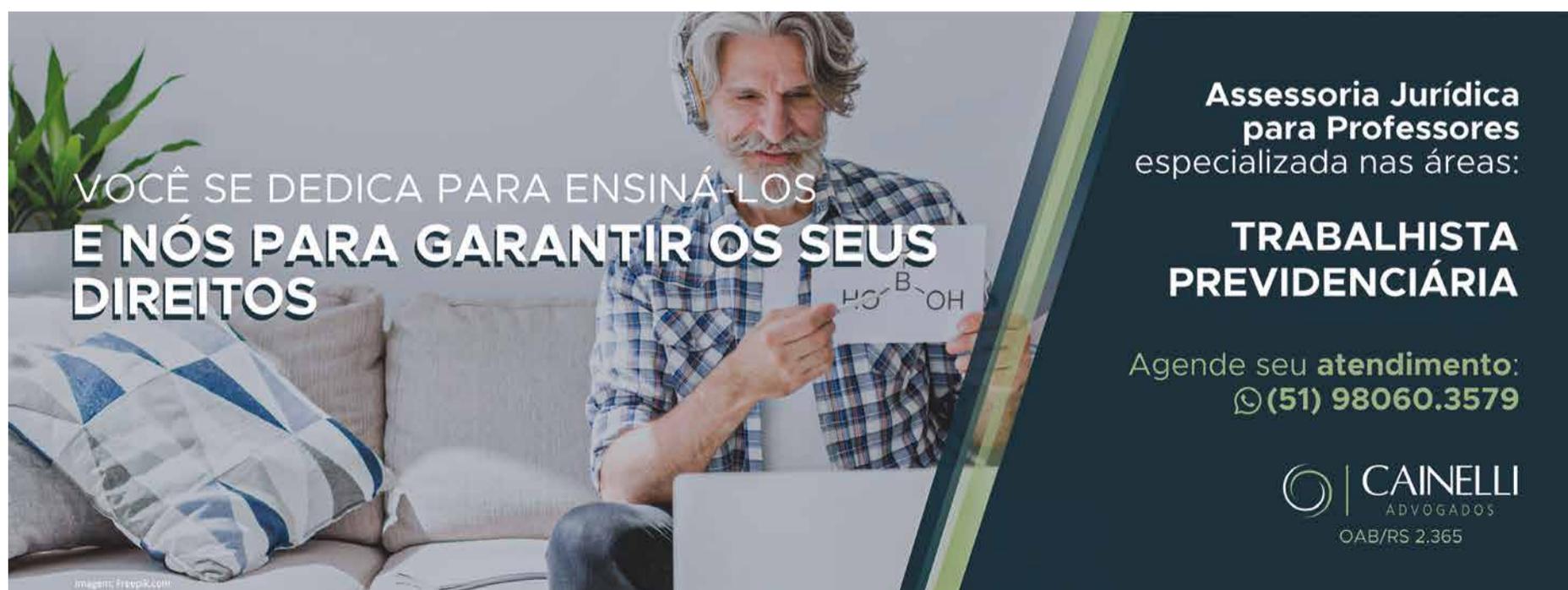
que já tem superpoderes. Ele só não pode revelar que ele age com esses super poderes. O cidadão Q me parece mais a criação de uma espécie de mito. É a pessoa que, quanto mais você desafia ela, mais ela foge do debate. Mas ela diz assim: 'eu não vou aí porque se eu for eu vou macular a minha aparência'. Vai macular é o truque. Não pode. Ele depende do anonimato para manter a sua covardia. Um pouco como o Bolsonaro se mostra.

EC – Por falar em Bolsonaro, como ele se insere em todo esse contexto que conversamos?

Dunker – O bolsonarismo tem na criação de inimigos, os outros, o mecanismo de seu funcionamento. Acontece que, agora, a pandemia violou fortemente essa lógica. Porque aí é um inimigo que não foi você quem criou, portanto não é você quem manipula. Quando se deu conta disso, Bolsonaro tentou negar a gravidade do vírus. A negação, como falei antes, é uma atitude psíquica. A mais simples diante do desconhecido.

EC – E ele, no contexto das teorias da conspiração?

Dunker – Então, teorias conspiratórias como a de que buscam manipular a crise para atrapalhar seu governo são condizentes com o negacionismo. Elas permitem que o poder da narrativa permaneça com o conspirador. É como a continuação de uma lógica já conhecida.



VOCÊ SE DEDICA PARA ENSINÁ-LOS
E NÓS PARA GARANTIR OS SEUS
DIREITOS

Assessoria Jurídica
para Professores
especializada nas áreas:

**TRABALHISTA
PREVIDENCIÁRIA**

Agende seu atendimento:
☎ (51) 98060.3579

 **CAINELLI**
ADVOGADOS
OAB/RS 2.365

Pandemia abriu caminho para plataformas e mercantilismo

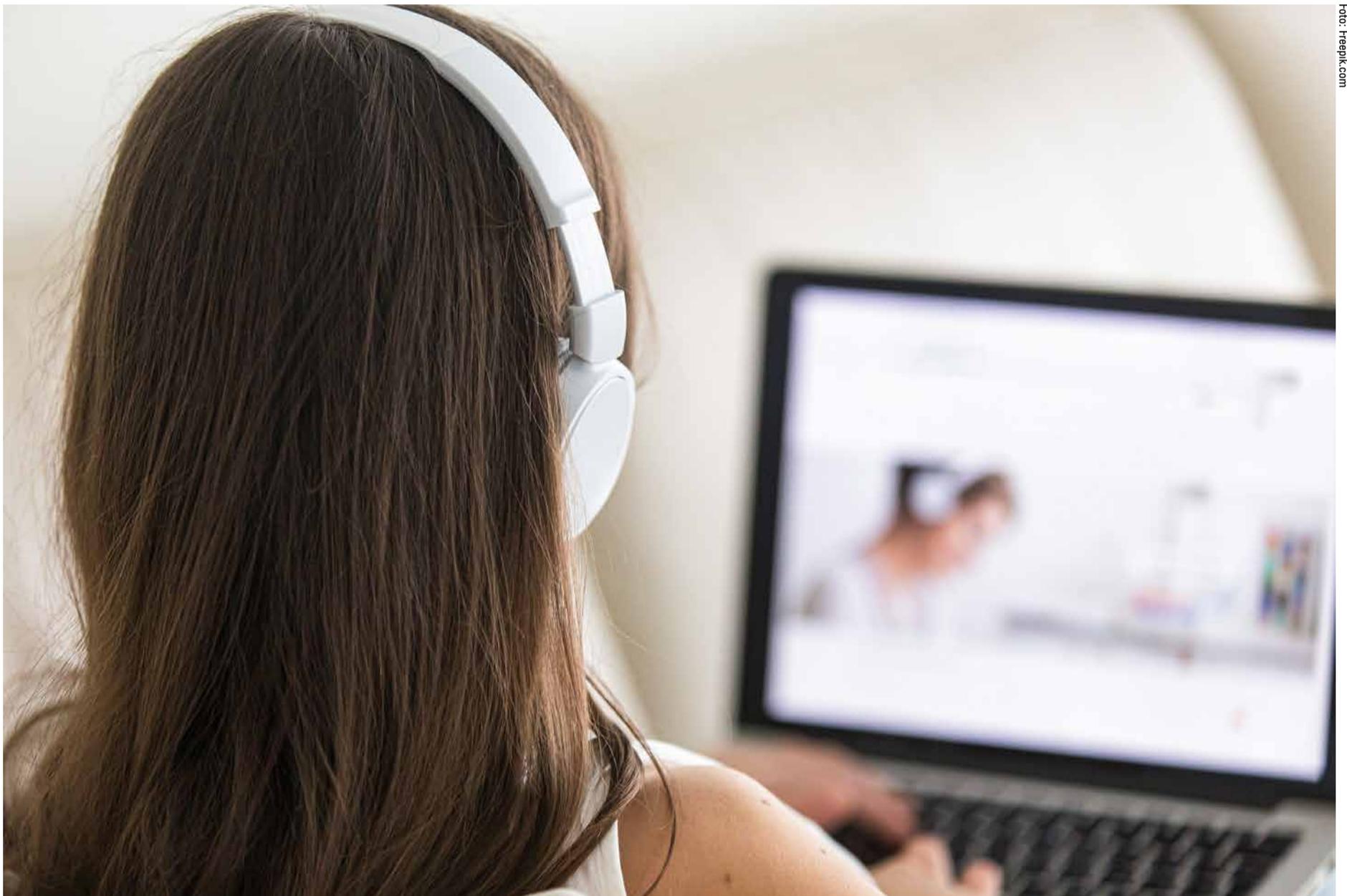


Foto: Freepik.com

por Flávio Ilha

A pandemia do novo coronavírus escancarou um dilema em educadores preocupados com a qualidade e segurança do ensino, oferecido principalmente na educação básica: como defender o distanciamento social e, ao mesmo tempo, valorizar práticas que não transformem alunos e pais em reféns da tecnologia?

Por um lado, manter as atividades suspensas e pensar no ensino a distância é o mais seguro neste momento; mas, por outro, abre caminho para a ascensão de propostas vinculadas ao viés financeiro das instituições, já que tecnologia envolve investimentos quase sempre vultuosos. Um exemplo: a pandemia colocou no centro do debate o grupo Eleva Educação, do bilionário Jorge Paulo Lemann.

O conglomerado, cujo controle acionário está nas mãos do fundo Gera Ventura – que tem Lemann como único dono –, estuda a possibilidade de realizar uma IPO (oferta de ações em bolsa de valores para capitalização) de até R\$ 1,5 bilhão como forma de se pre-

parar para o futuro da educação a distância. Criado em 2013, o grupo tem hoje 80 mil alunos em 130 escolas próprias espalhadas em 11 estados e Distrito Federal. Já é a maior *holding* de ensino básico no país – e segue crescendo.

Pode parecer pouco diante do vasto universo de crianças e adolescentes em idade escolar no Brasil, mas o pulo do gato de Lemann nem é exatamente esse: além do contingente de escolas próprias, o Eleva tem cerca de 150 mil alunos que estudam em “escolas parceiras” usando o sistema Plataforma de Ensino. O método próprio usa termos como “treinamento”, “benchmark”, “marca” e “meritoricidade” para reforçar a tese de um ensino conteudista e com foco em

formação de lideranças. E a estratégia empresarial segue a cartilha das universidades mercantilistas: aquisições.

“Lemann está investindo em escolas de alta performance, com educação bilíngue em tempo integral e direcionadas à elite do país, com objetivos políticos, para a formação de lideranças políticas em nível nacional”, sustenta o professor Sérgio Martins, da PUCRJ. Presente nos principais mercados brasileiros, como Rio, São Paulo, Brasília e Minas, o grupo cobra cerca de R\$ 5 mil de mensalidade e emprega consultoras – ao invés de pedagogas – para formular suas políticas.

O pedagogo Roberto Leher, reitor da UFRJ, associa a movimentação

do grupo Eleva à agenda neoliberal brasileira, especialmente no que se refere às distintas formas de se encarar a inclusão nos meios digitais. Para ele, trata-se de um projeto de educação básica em que a classe dominante define forma e conteúdo do

processo formativo das crianças e dos jovens brasileiros.

“Vários dos grandes grupos econômicos do país, bancos, empreiteiras, setores do agronegócio e da mineração, perceberam quanto é estratégico ditar os rumos da educação que surgirá no Brasil pós-pandemia. E fazem isso como uma política de classe, atuam como classe que tem objetivos estruturados, um projeto, concepções claras de formação, de modo a converter o conjunto das crianças e dos jovens em capital humano”, observa Leher.

CONTROLE DE MERCADO

Nunca é demais lembrar que Lemann, além de dono de escolas, também controla marcas como Burger King, AB Imbev (maior conglomerado de cervejarias do mundo) e Lojas Americanas. Desde o final dos anos 1990 Lemann investe em formação de lideranças políticas por meio da Fundação Estudar. Em 2018, o empresário ajudou a eleger cinco ex-bolsistas para a Câmara dos Deputados.

O gerente de expansões do grupo, Leandro Ballarin, disse por e-mail à reportagem do *Extra Classe* que o Eleva sempre está atento a “marcas que possam agregar” conteúdo à proposta pedagógica do grupo. “Esse é um mercado bastante pulverizado e que certamente apresenta boas oportunidades. O mercado, atualmente, está passando por um momento de consolidação e certamente iremos continuar com nossa política de aquisições”, sustenta.

Foto: Acervo Pessoal/Divulgação



Roberto Leher, reitor da UFRJ, associa a movimentação do grupo Eleva à agenda neoliberal brasileira

Convertendo pessoas em capital

Nesse sentido, a tecnologia joga um papel estratégico na hora de converter pessoas em capital. A diretora da Associação Brasileira de Ensino a Distância (Abed), Lana Paula Crivelaro, considera um erro essa aposta. “EaD não é apenas tecnologia digital, computador de última geração. O ensino a distância pode e deve se dar também com materiais analógicos, ainda mais em nosso cenário de desigualdade, e, principalmente, com engajamento entre escola, estudantes e famílias”, diz a especialista.

Crivelaro defende a manutenção do distanciamento, mas com formas “criativas” para enfrentar a ausência das aulas presenciais. “Muitas professoras e professores,

por falta de orientação, estão só transpondo suas aulas expositivas em vídeo. O aluno presencial já não aguenta mais esse modelo, imagina a distância. Hoje eles querem construir seu conhecimento. E os professores precisam se comportar como mediadores, e não como expositores de conhecimento”, afirma.

Também acha que, ao invés de centrar a discussão em ter ou não acesso à internet, em ter ou não equipamentos de última geração, as escolas deveriam aproveitar o momento para reunir conteúdos diversos (“matemática com história, por exemplo”), propondo questões interdisciplinares com métodos interativos por telefone, como programas de mensagens.

ENSINO HÍBRIDO – “Esses aplicativos podem ser usados para o compartilhamento de orientações sobre atividades educativas, vídeos gravados por professores, contatos com pais. Existem muitas opções para que todas as crianças, independentemente da faixa etária e de terem ou não um computador, acessem educação a distância. Mas é preciso criatividade, organização e colaboração neste momento de crise”, argumenta.

É nesse cenário que ganha força o conceito de ensino híbrido, que vem sendo paulatinamente apropriado por propostas de cunho eminentemente tecnológico – como a Eleva Educação. Por esse modelo, a sala de aula passa a ser um com-

plemento das atividades *on-line*: boa parte dos conteúdos é transmitida por meios eletrônicos, o que significa um desafio extra especialmente na rede pública de ensino.

Foto: Acervo Pessoal/Divulgação



Sérgio Martins, da PUCRJ

Tecnologia como diferencial

O coordenador da plataforma Trilhas Pedagógicas EaD, Matheus Borré, aposta na tecnologia como diferencial para a adoção do ensino híbrido. "A pandemia escancarou uma demanda que já era discutida há muito tempo, de readaptar as escolas, na volta do ensino presencial, a um novo cenário, mais próximo da tecnologia e das formas de comunicação dos alunos. O assunto tornou-se urgente, embora

de forma geral esses processos de renovação já fossem uma tendência", defende. O Trilhas é uma plataforma ligada ao método de ensino desenvolvido pela Eleva.

O modelo apresenta quatro métodos de hibridismo que podem ser adotados, entre eles a sala de aula invertida, conceito no qual os alunos se dedicam a determinados temas em casa ou presencialmente, com a ajuda da

tecnologia, e as discussões e exercícios são realizados em sala de aula. Há também estratégias de "rotação": o professor monta estações de trabalho ou laboratórios com diferentes objetivos de aprendizado e os alunos vão passando por cada posto. É possível realizar adaptações para que os estudantes concentrem-se em assuntos que têm menos facilidade.

VANTAGEM COMPETITIVA –

Segundo Borré, instituições privadas de ensino que contam com mais autonomia em sua gestão podem usar essa "vantagem competitiva" para testar, verificar e comprovar processos e ações e, em seguida, "compartilhar os resultados com o ensino público". Ou seja, a estratégia é compatibilizar a rede pública com o formato digital do modelo privado de ensino. "É uma colaboração entre os dois sistemas", defende.

Perfeição inovadora ou oportunidade de mercado

Mas a anunciada "perfeição inovadora" do ensino híbrido, na visão da doutora em Educação pela PUCSP, Katya Braghini, traz em si a ação de um "truste", que passa a qualificar o que é boa e má educação. Para a especialista, trata-se de mais um mercado em ascensão que, diante da pandemia e da supressão emergencial do ensino presencial, tem ganhado força rapidamente nos planejamentos pós-pandemia no Brasil.

"Empresas, coligadas ou não, se associam para oferecer soluções essenciais ao funcionamento da educação híbrida e, junto a esse primeiro movimento de cartel, são criadas outras necessidades pedagógicas: ferramentas

de aprendizagem, tutoriais, aulas pré-moldadas, aplicativos de smartphones, entre outros. A compatibilidade entre produtos se torna uma necessidade pedagógica e pode ser vista em vários exemplos atuais que se amparam nos discursos dessa nova educação, seja apresentada na forma escolarizada ou não", critica.

A especialista identifica uma preparação de terreno para o que chama de "discursos salvadores" da educação. "São receitas prontas de sucesso, no melhor do estilo fast-food. Nesse caso, a importância do professor atuante e reflexivo é cada vez mais diminuída, assim como a importância do planejamento de aula. Automatiza-se o processo



Foto: Acervo Pessoal/Divulgação

Na visão da doutora em Educação, Katya Braghini, a anunciada "perfeição inovadora" do ensino híbrido traz em si a ação de um "truste" que decide o que é educação boa ou ruim

de ensino e atribui-se o papel de aprender única e exclusivamente ao aluno já que todas as ferramentas foram disponibilizadas a ele. A

impressão que fica é que basta a escola se equipar e todos seguirem o método escolhido para que a educação avance", completa.

SINPRORS
PREVIDÊNCIA

Cuide bem do seu futuro.

Invista com quem entende de previdência privada.

Ingresse Agora
51 99335. 2387
www.sinprorsprevidencia.com.br

INSTITUIDOR
SINPRO/RS
Sindicato Cidadão

GESTOR DO PLANO
FUNDAÇÃO
FAMÍLIA
PREVIDÊNCIA

Invasão de terras indígenas mais do que dobrou no Brasil

Conforme o *Relatório Violência Contra os Povos Indígenas do Brasil – dados de 2019*, publicado e divulgado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), os dados do Brasil indígena retratados no primeiro ano do governo Jair Bolsonaro revelam uma realidade considerada pelos autores do levantamento como “extremamente perversa e preocupante”.

Os dados confirmam que houve intensificação das expropriações de terras indígenas, forjadas na invasão, na grilagem e no loteamento. Modelo que se consolidou de forma rápida e agressiva em todo o território nacional.

Em agosto de 2019, fazendeiros que ocupam parte da Terra Indígena Valparaíso (Amazonas), reivindicada há 29 anos pelo povo Apurinã, queimaram 600 dos cerca de 27 mil hectares do território



Foto: Denisa Sterbova/Cimi/Divulgação

ENSINO

Desfecho do negócio envolve UniRitter e Fadergs



Foto: UniRitter/Divulgação

Em um comunicado aos acionistas, divulgado no dia 30 de outubro, o grupo Ser Educacional, uma das maiores instituições de ensino superior privada do Brasil, fundada pelo paraibano Janguê Diniz, informou que fez acordos extrajudiciais com a Rede Internacional de Universidades Laureate e a paulista Ânima Educacional para a aquisição de instituições controladas pela multinacional no Brasil. Na semana anterior, a Ânima havia anunciado que havia superado uma oferta inicial da Ser e arrematado as instituições da Laureate no país. Os acordos reverteram parte da operação – que deve ser submetida ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). Também encerram o litígio da compra de ativos da Laureate no Brasil ao assegurarem à Ser o recebimento da multa contratual de R\$ 180 milhões da Laureate. Também asseguram ao grupo Ser as opções de comprar da Ânima cinco das nove instituições que compõem o ativo brasileiro da Laureate.

TOP 5

- 1 – Tese do estupro sem intenção é alvo de protestos
- 2 – Brasil teve 17 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes em 2019
- 3 – Ministro da Educação insulta professores
- 4 – Quem patrocina a destruição da Amazônia e o genocídio dos povos indígenas
- 5 – Pesquisas covid-19, censo ensino superior e Enade

MARIA LUCIA FATTORELLI

Temos dinheiro sobrando para doar aos bancos?

Segundo a colunista Maria Lucia Fattorelli, o patrimônio público essencial e lucrativo está sendo privatizado sob a alegação de que precisaríamos de recursos advindos dessa entrega. A PEC 32 destrói a estrutura de Estado e se baseia na necessidade de reduzir gastos públicos.

Porém, em meio a toda essa escassez, o Senado anunciou a votação de projetos para “legalizar” a doação de dinheiro público, através da remuneração parasita de centenas de bilhões de reais anuais aos bancos e, adicionalmente, tornar o Banco Central um ente à parte, autônomo, livre para obedecer aos mandamentos do mercado financeiro.



Foto: Pedro França/Agência Senado

MOISÉS MENDES

A coragem dos jovens do novo Chile

“Há mais do que uma cordilheira nos separando da festa dos chilenos. Os brasileiros olham com encantamento para a vitória do povo e da Constituinte, mas não há o que fazer no momento além de aplaudir e sentir inveja. Eles têm quase tudo que não temos hoje. Assim como eles não tiveram, em 1988, a chance que tivemos de comemorar uma nova Constituição, antes mesmo da primeira eleição depois da ditadura”. É o que Moisés Mendes escreve em sua coluna quinzenal.



Foto: Twitter/Reprodução

965 mil visitas
originadas das redes sociais

[fb.com/jornalextraclassa](https://www.facebook.com/jornalextraclassa) [instagram.com/jornalextraclassa](https://www.instagram.com/jornalextraclassa)

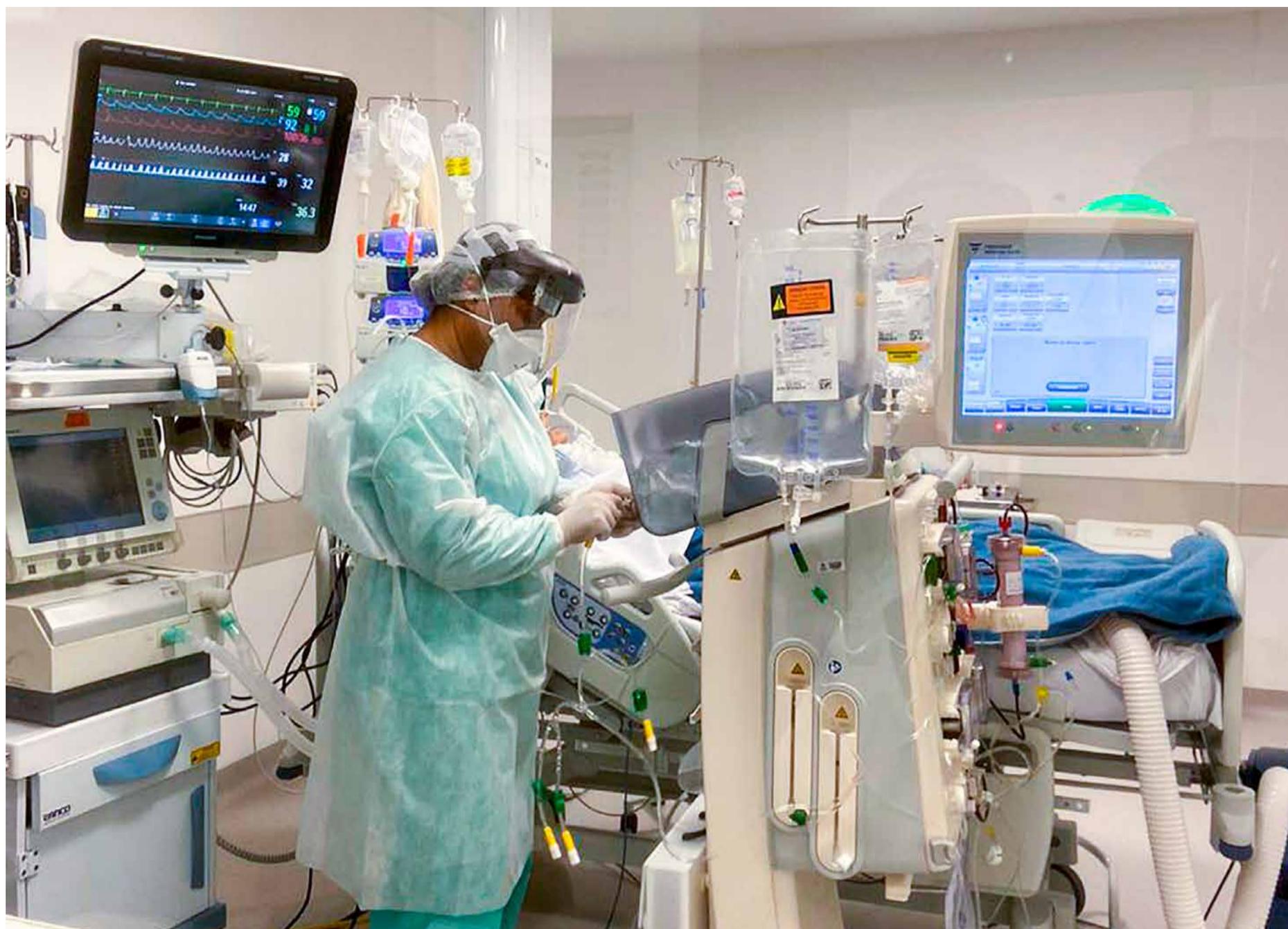


Foto: Clávis Prates/Divulgação

Sem superar primeira onda de covid-19, RS se encaminha para novo surto

por Flavio Ilha

UTIs lotadas, emergências fechadas por 24 horas, curva de novos contágios estável num patamar alto, mortes por covid-19 em alta. O cenário descrito podia bem ilustrar qualquer país da Europa afetado pela segunda onda do coronavírus, mas se trata de Porto Alegre: no final de outubro, os números da doença dispararam e o patamar de novos casos e de óbitos se aproximou dos índices de setembro – considerado o pico da pandemia

Os dados da Prefeitura de Porto Alegre mostram que a curva de novas contaminações nunca diminuiu desde julho, quando a pandemia se acentuou. Pelo contrário: nas duas últimas semanas de outubro, entre os dias 15 e 27, foram 2.943 novos casos da doença, com pico de 408 casos no dia 19. O gráfico de mortes também não arrefeceu: foram 114 vidas perdidas em Por-

to Alegre no mesmo período de 15 a 27 de outubro, com ápice de 18 óbitos no dia 17.

No estado, o clima não é mais ameno. No final de outubro, o ritmo de novas contaminações estava em torno de 2,8 mil casos por dia – o recorde de registros diários foi em 19 de julho, com 3.078 casos. As mortes, embora tenham

permanecido relativamente estáveis, estão num patamar alto, nos níveis de meados de setembro.

De acordo com o secretário-adjunto de Saúde de Porto Alegre, Nahán Katz, a estabilidade em patamar alto é um alerta. “Não é nada que não fosse possível de acontecer, tivemos uma curva de distribuição da doença diferente

de outros lugares do mundo, então nada do que está acontecendo nos causa estranheza, mas realmente temos que ficar em alerta para ver se não vai acelerar muito de novo”, enfatizou.

Projeção da ferramenta Covid Analysis Tools, desenvolvida pelo Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande

do Sul (Ufrgs), estima um total de 1.436 mortes por coronavírus em Porto Alegre até o final de novembro — no fechamento desta edição, em 30 de outubro, eram 1.262 mortes, de acordo com os dados oficiais da Prefeitura. Isso significaria, se confirmada a estatística, cerca de 185 óbitos a mais em 30 dias.

Hospital restringiu atendimentos de covid

No dia 27 de outubro, em meio ao avanço no número de casos, a UTI do Hospital Moinhos de Vento (HMV) fechou para novos pacientes durante 48 horas devido à superlotação – todos os 31 leitos destinados a pacientes com covid-19 estavam ocupados. O Hospital fechou outubro com mais atendimentos a casos suspeitos ou confirmados do que em setembro: foram 2.548 pacientes atendidos em setembro contra 2.714 de outubro.

O HVM justificou a restrição na UTI para manter a qualidade,

a segurança e os atendimentos na unidade para pacientes com outras enfermidades. A decisão, tomada pelo Comitê de Enfrentamento ao Coronavírus, abrangeu também outras áreas de atenção ao coronavírus, como a unidade de internação e a emergência.

Os hospitais Cristo Redentor e Independência também apresentaram 100% de lotação em Porto Alegre na última semana do mês. O neurocientista Miguel Nicolelis, coordenador do Comitê Científico Consórcio do Nordeste, alertou que a segunda onda no país

“é iminente”. Segundo ele, não é possível dizer que o Brasil superou a primeira onda. “Mesmo assim, nada impede um segundo influxo de casos vindo de fora do país que projetar para um outro patamar, ainda mais alto”, advertiu.

O professor de Infectologia da Ufrgs, Alexandre Zavascki, diz que o ritmo das infecções não caiu em Porto Alegre, apesar das ocupações de UTIs terem apresentado redução. “A média de novos casos por dia da última semana de outubro foi próxima à do mesmo período de setembro”, informou.

O infectologista acredita que uma nova onda pode se acelerar a partir de dezembro, especialmente devido ao afrouxamento das regras de isolamento social e as movimentações tradicionais de final de ano. “O Brasil reproduz, de certa forma, o que acontece na Europa e também nos Estados Unidos, com algum atraso. Na Europa temos observado um aumento do número de notificações, embora com uma taxa de letalidade menor porque ela está ocorrendo mais entre pessoas mais jovens”, disse.

Testagem baixa e flexibilização

A aceleração coincide com o calendário de reabertura das escolas, parte do plano estadual de flexibilização do distanciamento controlado que vem sendo aplicado desde agosto. No início de outubro, as redes privada e pública foram autorizadas a abrir desde que apresentassem um Centro de Operações de Emergência para casos de contaminação. A região, além disso, deve estar em

bandeira laranja há pelo menos duas semanas.

No final do mês, mais flexibilizações: eventos sociais e indústrias também estão autorizados a funcionar em regiões de bandeira amarela e laranja. Para as regiões de bandeira amarela, o público máximo permitido será de cem pessoas, entre trabalhadores e público, respeitando o teto de ocupação (8 metros quadrados

por pessoa) e distanciamento estabelecido no modo de operação.

Na bandeira laranja, o público máximo permitido será de 70 pessoas (entre público e trabalhadores). Em ambos os casos (bandeiras amarela e laranja), os eventos devem ter, no máximo, 4 horas de duração. Em relação aos eventos sociais e de entretenimento em ambiente aberto, com público em pé, podem ocorrer em

regiões que estiverem há 14 dias seguidos sem bandeira vermelha ou preta.

De acordo com o decreto, todos os setores da indústria poderão operar na capacidade máxima quando na bandeira laranja, desde que respeitados os protocolos obrigatórios e a portaria da Secretaria da Saúde que regulamenta a atividade desse setor durante a pandemia.

Falta de insumos nos hospitais

Em meio a esse cenário de liberação, a testagem continua não sendo prioridade em Porto Alegre. Foram realizados, até outubro, 134 mil testes RT-PCR e 47 mil testes rápidos – isso significa menos de 10% da população da capital. O coordenador do Laboratório de Biologia Molecular da Santa Casa de Porto Alegre, Alessandro Pasqualotto, diz que há várias limitações para que a testagem não seja massiva. “Mas não falta dinheiro”, assegura. No estado, o percentual é semelhante: 1,27 milhão de testes aplica-

dos ou 10% da população do Rio Grande do Sul. Menos da metade desses testes foi RT-PCR.

“Faltam laboratórios de biologia molecular em nossos hospitais. Faltam insumos, em sua maioria importados. Falta pessoal qualificado. E falta organização, especialmente na articulação entre as ações dos setores público e privado. Gastamos muitos recursos com testes rápidos e capacitamos pouco as redes para testes de PCR, que são bem mais eficazes”, diagnosticou.

Na Europa, a segunda onda já é uma realidade. Mas com va-

riações em relação à primeira. O Brasil, segundo os especialistas, deve se deter mais no que vem ocorrendo nos Estados Unidos do que na Europa para prever como será essa segunda onda. “O Brasil se manteve num patamar elevadíssimo desde o início da epidemia. Efetivamente, o que a gente tem é ainda uma primeira onda, onde a maioria dos estados registra um grande número de casos estáveis, mas sem redução considerável nas curvas. Em alguns estados, até com aumentos. Então, o que a gente vai chamar de segunda onda é

uma consequência da primeira”, destacou Bernadete Perez, vice-presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco).

O neurocientista Miguel Nicolelis concorda: “Os Estados Unidos tiveram um platô longo. Depois, tiveram uma segunda explosão, ainda na primeira onda, e agora estão com números muito parecidos com os do Brasil. Com 44 mil, 45 mil casos por dia, variando entre 500 e em mil mortes por dia. Mas como a população lá é cerca de 50% maior, vemos claramente que a situação no Brasil é bem ruim”, destacou.

Foto: Igor Sperotto

LEANDRA SUZAN

LITERATURA ORAL SLAM

Escrevendo. Escre (verbo) e Escrevendo-se. Escreto e Escrevendo. Vivência como sumo da própria escrita. Escrevendo-se

A diferença entre o escrito e o falado entre o significante lógico e o sentido pragmático que tem marcado toda a cultura ocidental, tem sido conscientemente abandonado pelos escritores de anti-gem a encena, até mesmo ne-textos de encontros um universo simbólico discursivo próprio. EVARISTO

CYBERNARRATIVAS PÓS-CONTEMPORÂNEAS: Pensando o

ESCREVER É VIVER

24 horas CAROL DE JESUS

NARRATIVAS PERFECTAS

LIVE MAUREN BAMBIA IF

Tinta negra em páginas brancas

por Cristiano Bastos

A literatura feita por mulheres negras no Rio Grande do Sul, apesar dos números contrários (segundo estudo da Universidade de Brasília, de 2018, 70% dos escritores brasileiros são homens e 90% deles são brancos), é uma poderosa ferramenta de luta e empoderamento. A verdade é que, desde sempre invisibilizadas pelo racismo e pelo machismo, as escritoras afro-femininas gaúchas vieram para ficar. E, de fato, elas são muitas. Seja produzindo ficção, ensaios, crônica ou, particularmente, poesia, essas autoras têm, cada vez mais, desbravado espaços no embranquecido sistema literário do estado

Não há como negar. São tempos de pluralidade e de quebra de paradigmas. Com a urgência lírica (e política) de suas letras, as escritoras negras rio-grandenses revelam a necessidade de ressignificar padrões estéticos seculares. Clubes de leituras, saraus, batalhas de *slam*, publicações independentes – ao mesmo tempo em que escancaram a imensa lacuna no mercado tradicional – servem como alternativas para que essas autoras deságuem sua produção literária.

Numa sociedade estruturalmente racista, onde ferramentas ideológicas são articuladas para

cercear a subjetividade das mulheres, a literatura das autoras afro-femininas possibilita que elas escrevam em voz própria suas narrativas e trajetórias, afirma Winnie Bueno, doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). Winnie também é coordenadora do projeto Winnieteca (em parceria com o Geledés – Instituto da Mulher Negra e o Twitter Brasil), conhecido como “Tinder dos Livros”, que leva a leitura de escritoras negras às periferias por meio da doação de livros.

Realizado mensalmente pela Associação Negra de Cultura

(ANdC), o *Sopapo Poético – Ponto Negro da Poesia* celebra, desde 2012, a literatura escrita e oralizada por negras e negros. Em 2016, o *Sopapo* lançou a antologia poética *Preteência* (Libretos), que reúne 19 poetas participantes do sarau, dos quais, destes, dez são mulheres. Uma das coordenadoras do encontro, a poetisa Lilian Rocha, autora de obras como *Negra Sou* (Alternativa), diz que, a partir da publicação em *Preteência*, muitas escritoras conseguiram sair do espaço da coletânea para lançarem seus próprios livros. Ela cita, por exemplo, os casos de Fátima Farias, do elogiado

Mel e Dendê (Libretos), e de Isabete Fagundes Almeida, autora de *Passeio Poético* (Agbara Edições).

Muitas vezes, conta Lilian, essas mulheres não tinham coragem de chegar à roda e recitar seus poemas e acabavam, então, pedindo a outras pessoas que falassem por elas. Mas, com o passar do tempo e a autonomia proporcionada pelo *Sopapo Poético*, tais inibições foram, aos poucos, sendo vencidas. “O Sarau é um espaço de acolhimento que favorece que escritoras negras, intimidadadas pelas diferentes facetadas do racismo, sintam-se à vontade para se expressarem”, diz a poetisa.

Slam das Minas

Surgido em Chicago (EUA), em 1984, o *slam* é uma competição de poesia falada que, coteja a *slammer* Vanessa Tiatã, se aproxima dos *saraus* de literatura periférica. O formato competitivo, ao ar livre, por sua vez, ajuda na atração do público, principalmente o mais jovem. Vanessa integra o coletivo *Slam das Minas/RS*, que, até as restrições impostas pela pandemia, travava batalhas de poesia mensalmente na Praça da Matriz, no Centro Histórico de Porto Alegre. As atividades das “minas”, porém, não foram totalmente paralisadas pelo vírus. Como alternativa às contingências impostas pelo isolamento, explica a cofundadora do *Slam das Minas*, Daniela Alves da Silva, o grupo optou pela publicação de um e-book (ainda sem data de lançamento), que compilará 17 poesias de *slammers* integrantes do coletivo.

Vanessa Tiatã, embora fale de assuntos como problemas sociais e também a respeito de si mesma, diz que as mulheres negras são o público-alvo de quase todas suas poesias: “A minha ‘poesia de trabalho’, pela qual todo mundo me conhece, quando o nome Tiatã é citado na roda de *slam*, é ‘Mariavilhosa’, na qual eu digo que Deus é uma mulher negra”. Em suas abordagens poéticas, Vanessa também costuma atacar questões como hipersexualização da mulher negra e, ainda, o fato de serem vistas com o estereótipo de a “cor do pecado”. Essas são vivências que a *slammer* afirma ter tido durante toda sua vida sendo uma mulher negra. Ela indaga: “De onde, afinal, surgiu esse ‘pecado’? E quem fez com que o nosso corpo fosse desumanizado e visto apenas como objeto sexual?”.



Vanessa Tiatã integra o coletivo Slam das Minas/RS; ela critica a hipersexualização da mulher negra e outros estereótipos

Prosa afro-feminina

Enorme é a quantidade de poetisas negras atuando – e publicando – no Rio Grande do Sul atualmente. São nomes como Eliane Marques, Dóris Soares, Pâmela Amaro, Fernanda Bastos, Jacira Fagundes, Maria Cristina dos Santos, entre tantas outras. Em número menor, porém, estão as

prosadoras. Essas, por outro lado, são praticamente desconhecidas da crítica, do mercado, da mídia, da academia e, principalmente, dos leitores. Mas a que se deve isso? Uma das razões que explicam o baixo número de representantes negras na prosa – não só no estado – é que grande parte dessas mulheres são chefes de família, que, na maioria das vezes, cuidam e sustentam sozinhas a família. Ou seja, o tempo e as condições para se produzir o trabalho da dimensão de um romance, por exemplo, são escassos.

Ainda assim, escritoras como Veralinda Menezes, autora do prestigiado livro de literatura afro-juvenil *Princesa Violeta* (Editora Príncipes Negros); as romancistas Maria do Carmo dos Santos (mãe) e Dandara Yemisi dos Santos (filha), autoras da novela *Século XIX – Uma História Recuperada* (Editora da Tribo); e Tiasmin Ohmatch, que recentemente lançou a novela curta *Visite o Decorado* (Figura de Linguagem), representam, com louvor, a ficção contemporânea das mulheres negras no Rio Grande do Sul.

E, não se pode esquecer, a prolífica escritora e pedagoga pe-

lotense Maria Helena Vargas da Silveira, autodeclarada “Helena do Sul”, autora de 11 obras que vão da poesia, crônica e ensaios à ficção. Helena faria 80 anos em 2020. Para marcar a data, o projeto de extensão Maria Helena Vargas da Silveira: escritora das gentes negras do sul – uma parceria do projeto Cria Negra, da Unipampa, com a Ufrgs –, lançou, em setembro, um portal dedicado ao estudo e divulgação de sua vida e obra (www.ufrgs.br/helenadosul).

Outra dessas ficcionistas é Juliane Vicente, que possui 13 contos publicados no gênero “ficção especulativa” (ficção científica, horror e fantasia) em diversas antologias. Sua publicação de estreia foi na antologia *Jovem Afro*, de 2017, publicada pela editora Quilombhoje. No entendimento de Juliane, uma das problemáticas mais incômodas de “existir em alguma minoria” é a limitação e categorização do lugar dos autores – sejam eles de poesia ou prosa. O “novembro de trabalho”, em função do *Mês da Consciência Negra*, ilustra a escritora, representa o quanto autores e autoras negras recebem convites neste período

do ano que não se compara a outras épocas. E geralmente, diz, são convites para que tratem de pontos envolvendo cultura negra e/ou racismo. “Parece haver uma ‘colagem’ entre ser mulher e escrever literatura feminina. Ou, então, ser negro e ter de escrever sobre negritude, quando nem sempre é o caso”, critica.

O posicionamento de Juliane também é compartilhado pela jornalista e escritora Priscila Pasko, autora de *Como Se Mata Uma Ilha* (Editora Zouk), obra que traz, em textos curtos, 37 narrativas líricas e filosóficas com protagonismo feminino. Priscila considera injusto, talvez confortável, quando a crítica – e até mesmo os leitores – julgam uma autora negra por não escrever engajadamente. “Quer dizer que, sendo mulher negra, meu lugar na literatura, minha estética, imaginação e subjetividades têm, necessariamente, de estar atrelados à denúncia ou ao racismo? Enquanto as escritoras brancas, por sua vez, podem escrever sobre assuntos universais. Aonde ficam questões como, por exemplo, o medo da morte, angústias e a vida, enfim”.



Priscila Pasko, assim como outras escritoras de sua geração refuta tanto a obrigatoriedade das temáticas consideradas femininas quanto a cobrança por engajamento

Foto: Acervo Pessal/ Divulgação

Foto: Igor Serrato

O tempo para escrever

Professora de Literatura brasileira no ensino médio e autora do premiado *Poerotisa* (Figura de Linguagem), Ana dos Santos cita a escritora afro-germânica Audre Lorde, a qual diz que as mulheres negras produzem mais poesia, expressão literária mais urgente, por conta de suas duplas e triplas jornadas. “A poesia pode ser escrita entre um intervalo e outro de nosso trabalho, mas um projeto mais longo e de fôlego, como um romance, demanda tempo mais longo”, analisa.

Tal questão, acrescenta Ana, já havia sido posta, no século passado, por Virginia Wolf, quando ela escreve o ensaio *Um Teto todo Seu*. No texto, a autora de *Mrs. Dalloway* coloca que, mesmo sendo branca e pertencente à elite, não dispunha, por conta do machismo que aprisiona mulheres a um ambiente doméstico, de tempo – ao contrário de muitos escritores homens – para ficar isolada escrevendo. “Infelizmente, tal contexto

ainda é realidade para a maioria das mulheres. E, para uma escritora negra, então, isso amplifica-se ainda mais”, afirma.

No Brasil, completa a professora, ainda há a questão de que as mulheres negras publicam tardiamente. Essa foi a constatação obtida por Ana a partir de suas pesquisas como docente e, agora, como mestrande do Programa de Pós-Graduação da Letras da Ufrgs. A própria Conceição Evaristo, que escrevia desde os anos 1980, ela aponta, só foi reconhecida em 2007 – por causa da polêmica edição da *Festa Literária Internacional de Paraty* (Flip) em que se homenagearia escritoras brasileiras, sendo que nenhuma delas era negra. “A média com que as mulheres negras publicam, no Rio Grande do Sul, é após os 30 anos. É o caso da Lilian Rocha, que lança seu primeiro livro aos 47. Em relação às mulheres brancas, por outro lado, isso acontece bem mais cedo”, contextualiza.

Foto: Igor Sperotto



Ana dos Santos, professora de Literatura brasileira no ensino médio e escritora

Abertura para a utopia

Para a psicanalista e escritora Taiasmin Ohmatch, a literatura tem papel fundamental no que diz respeito à autoafirmação de homens e mulheres negras e também no sentido de relativizar o discurso da branquitude que se pretende dominante. Por conta de sua pesquisa de mestrado em *Psicanálise*, na área de cultura e relações raciais, Taiasmin diz que teve a oportunidade de participar de muitas discussões sobre racismo, muitas vezes, inclusi-

ve, com pessoas brancas. Para ela, a literatura ajuda no entendimento das questões pertinentes aos negros. “Lembro particularmente de uma pessoa que falou que a visão dela para entender certas reivindicações dos negros havia mudado após ter lido o romance histórico *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves, um clássico moderno da literatura afro-feminista brasileira. Ou seja, foi por meio de uma obra de ficção que ela, pessoa

branca, conseguiu compreender coisas que não conseguia enquanto estava escutando um discurso apenas no plano político ou puramente militante”, observa.

Taiasmin atenta para o fato, inegável, de que a literatura faz parte da construção do imaginário social. Porém, ressalva, enquanto personagens e situações reproduzem um mundo apenas de indivíduos brancos – deixando de fora homens negros e, em especial, mu-

lheres negras –, esse imaginário nunca dará conta de experiências múltiplas. “E a gente precisa que o imaginário social dê conta dessa multiplicidade, pois é isso que possibilita às pessoas que entendam a diversidade”. A literatura, sublinha a escritora, propicia uma abertura para a utopia; mas, ela discerne, não para a utopia como algo inalcançável e, sim, para a utopia que permite pensarmos o mundo que realmente queremos.

Planos para a sua saúde? O Sinpro/RS tem.



Unimed

CCG
Saúde

UNIODONTO
PLANOS ODONTOLÓGICOS

Faça a simulação e confira
o quanto você pode economizar



Professoras e professores associados ao Sinpro/RS podem contar com os melhores planos de saúde médico e odontológico.

sinprosaúde



MARCO AURÉLIO WEISSHEIMER

As eleições municipais e a tempestade no horizonte de Bolsonaro

O aumento do desemprego é outra ameaça que bate à porta. O próprio secretário de Política Econômica do governo, Adolfo Sachsida, em um encontro virtual com representantes do Banco Safra, admitiu que o índice de desemprego deverá sofrer alta histórica no próximo ano

Pesquisas de opinião divulgadas ao longo do mês de outubro mostraram a recuperação dos níveis de aprovação (bom/ótimo) do governo do presidente Jair Bolsonaro e do modo como enfrentou a pandemia do novo coronavírus nos últimos meses. Em parte, os números são meio inacreditáveis, pois a principal política, se é que pode assim ser chamada, de Bolsonaro diante da covid-19 foi negar a gravidade da pandemia, difundir *fake news* sistematicamente, como a propaganda da cloroquina, e boicotar os esforços de governadores opositores em suas políticas estaduais para enfrentar o problema. A maioria dos analistas afirma que essa recuperação de popularidade deve-se fundamentalmente ao auxílio emergencial de R\$ 600,00 pago durante os meses de pandemia, o que também alimenta a galeria do surrealismo que marca a política brasileira, uma vez que Bolsonaro era contra esse valor no início da pandemia, que só foi aprovado graças à intervenção da oposição no Congresso Nacional.

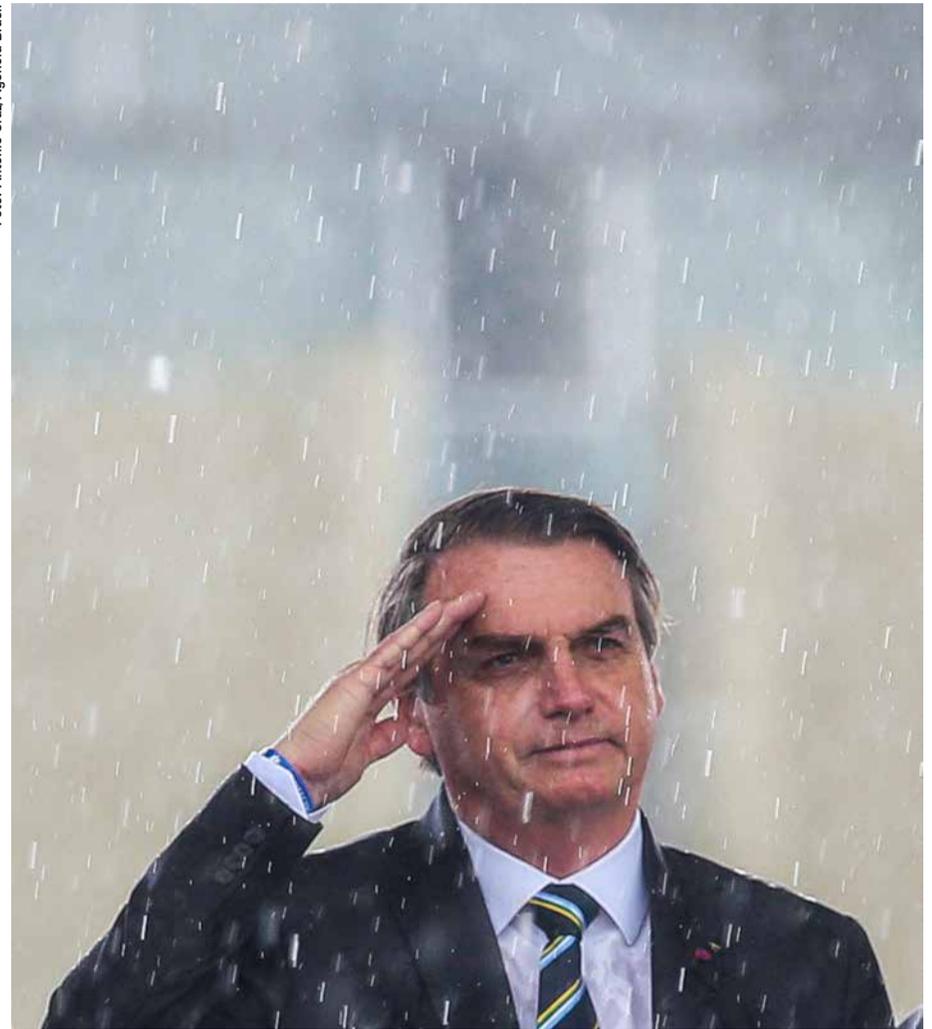
Fake news e surrealismos à parte, essa recuperação de aprovação, porém, parece ter os pés de barro. No final de outubro, uma nova pesquisa do instituto PoderData mostrou uma queda de quatro pontos percentuais na aprovação de Bolsonaro, que caiu de 52% para 48%. Já o nível de desaprovção passou de 41% para 42%. Na avaliação dos pesquisadores, entre as causas dessa queda, esta-

riam as declarações de Bolsonaro contra a compra da vacina chinesa pelo governo brasileiro por, supostamente, "não ser confiável". Mas o que mais ameaça os níveis de aprovação do governo Bolsonaro é uma combinação explosiva de fatores externos e internos, na economia e na política.

Na economia, analistas do próprio mercado financeiro vem alertando para uma tempestade perfeita se formando no horizonte, com o agravamento das agendas econômicas e sociais para o país. Uma nota publicada dia 28 de outubro pela agência Bloomberg advertia: "à medida que o pior da crise da saúde diminui, a ansiedade aumenta nos círculos financeiros sobre como ele vai pagar por isso. Os investidores têm se livrado da moeda e de ações, gerando rotas quase sem paralelo no mundo este ano, e estão cada vez mais se recusando a comprar qualquer coisa, exceto os títulos do governo de curto prazo".

Um levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostrou que a inflação está atingindo os setores mais pobres da população três vezes mais do que os mais ricos. Segundo essa pesquisa, a disparidade no preço dos alimentos está se refletindo diretamente na inflação percebida pelas famílias mais pobres, que mais do que triplicou em relação à das mais ricas em 2020. De janeiro a outubro, ela foi de 3,68%, enquanto a das famílias de alta renda ficou em 1,07%.

Foto: Antonio Cruz/Agência Brasil



O aumento do desemprego é outra ameaça que bate à porta. O próprio secretário de Política Econômica do governo, Adolfo Sachsida, em um encontro virtual com representantes do Banco Safra, admitiu que o índice de desemprego deverá sofrer alta histórica no próximo ano. Segundo ele, isso ainda não ocorreu porque boa parte dos desempregados ainda não está buscando trabalho, o que faz com que ainda não apareçam nas estatísticas oficiais.

Além disso, a abertura desenfreada de atividades em todo o Brasil nas últimas semanas pode prolongar a primeira onda de contágio e mesmo acelerar a chegada da segunda onda, que já está atingindo Europa e Estados Unidos. Especialistas da área da saúde vêm alertando que o governo reduziu a aplicação de testes em momento crucial da pandemia e país segue no escuro em relação à escalada da pandemia. O Bra-

sil fechou outubro com mais de 5,4 milhões de casos de covid-19 registrados e cerca de 160 mil mortos pela doença. No final de outubro, a média móvel de mortes ainda continuava no elevado patamar de 430 óbitos diários.

No cenário externo, o isolamento político do Brasil vem aumentando. As vitórias obtidas pela esquerda na Bolívia, com a eleição por uma ampla vantagem do candidato Luis Arce, do Movimento ao Socialismo (MAS), partido do ex-presidente Evo Morales, e no plebiscito que derrotou a Constituição da era Pinochet no Chile sinalizam que novos ventos estão circulando pela América Latina. A confirmação da derrota de Trump, na eleição nos Estados Unidos, só aumenta esse isolamento, empurrando o Brasil cada vez mais para a posição de pária internacional, com um presidente que despreza a ciência, o conhecimento, a diplomacia e a democracia.

Sinpro/RS define políticas para volta de atividades letivas presenciais

No final de outubro, dois dos três principais indicadores da pandemia de covid-19 já acenavam uma retomada do alto risco de contágio no Rio Grande do Sul. Os novos casos e internações em UTIs apresentavam alta. Mesmo assim, o ensino privado retornou às aulas presenciais, expondo professores – alunos e funcionários – ao contágio

por Gilson Camargo

A pesar desse cenário de pandemia, o governo do estado autorizou no dia 29 o reinício das aulas presenciais nos ensinos médio e técnico e anos finais do fundamental na rede estadual. O movimento desencadeou a adesão da maioria das instituições do ensino privado, que retornou às atividades presenciais e/ou adotou o modelo híbrido – intercalando as formas presencial e *on-line*.

Diante disso, o Sindicato dos Professores do Ensino Privado (Sinpro/RS), que já havia se posicionado contra a retomada da presencialidade sem as condições sanitárias adequadas, definiu políticas no sentido de orientar os professores e as instituições de ensino para uma atenção redobrada aos protocolos de distanciamento e higiene – com o objetivo de garantir a máxima segurança nesse retorno.

“O Sinpro/RS acompanha atentamente o retorno, alertando as escolas para a adoção de todos os equipamentos e EPIs e todos os protocolos de número de alunos em aulas e já enviou orientação aos professores para que, havendo qualquer sinal de surto, entrem em contato com

Foto: Governo Federal/Divulgação



o Sindicato”, enfatiza Cecília Farias, diretora do Sinpro/RS.

Segundo a dirigente, duas questões devem ser observadas atentamente nesse momento: a sanitária, para que os insumos e materiais sejam fornecidos pelas escolas para que todos tenham condições de seguir à risca os protocolos; e o excesso de trabalho imposto aos docentes para dar conta das atividades presencial e *on-line*. “Os professores devem ficar atentos, porque há uma tendência de duplicidade de trabalho. Caso sejam detectados problemas, o professor deve entrar em contato com o Sindicato, bem como informar eventuais casos de contágios”, orienta.

A maioria das orientações (*confira a versão integral dessa matéria na web*) deve ser seguida pelas instituições de ensino e servirá de base para que os docentes possam cobrar execução completa desse regimento pelas escolas. O envio foi feito após o início do retorno de alguns professores e a preocupação destes com a contaminação por covid-19. “O Sindicato tem acompanhado essa retomada e tratado pontualmente as especificações para cada grupo de professores”, explica.

Condições para o retorno nas redes pública e privada

Apesar de todas as orientações quanto aos protocolos de segurança, distanciamento e higiene pessoal, o Sindicato tem recebido denúncias de contágios isolados em algumas instituições, de casos em que as escolas não disponibilizam os insumos e de omissão das direções em relação a essas medidas na rede privada.

Quanto à rede pública, a avaliação é que as medidas sanitárias ficaram inviabilizadas em muitas escolas por falta de insumos básicos como máscaras, álcool em gel, medidores de temperatura, pela indisponibilidade de pessoal para monitorar o distanciamento e para

assegurar as condições sanitárias mínimas. “Lamentamos que, depois de tantos meses de escolas fechadas, o governo não tenha aproveitado esse tempo para organizar as instalações escolares”, ressalta Cecília Farias, do Sinpro/RS.

“As aulas iniciaram no setor privado porque houve na maioria das escolas adequação de espaços e aquisição de equipamentos de proteção individual, o que não é o caso das públicas, que em função do sucateamento e inércia dos governantes não apresentou condições de volta. Muitas escolas públicas não contam com os recursos mínimos, algumas sequer receberam álcool em gel”.

AGENDAMENTO – O Sinpro/RS ampliou o horário de atendimento presencial aos professores e professoras na Sede estadual, que passou a ser das 9h às 17h, a partir do dia 26 de outubro. “Estamos seguindo todos os protocolos estabelecidos e orientando os professores a agendar atendimento. Esse procedimento visa a proteger tanto os docentes quanto os funcionários do Sindicato. Também sugerimos que, dentro do possível, acessem o Sinpro/RS pelos meios de comunicação disponíveis como telefone, *e-mail* e *WhatsApp*”, detalha a diretora.

O atendimento presencial aos professores é feito com hora mar-

cada e restrito a demandas que não possam ser resolvidas de forma virtual.

A medida foi adotada para evitar aglomeração e exposição inapropriada para o atual momento. Além de observar as medidas de distanciamento e adaptação das instalações físicas do Sindicato, funcionários e diretores da Sede estadual estão trabalhando com o uso de máscaras.

Para acessar a Sede estadual e as regionais também é exigido o uso de máscara, a higienização das mãos com álcool gel 70%, disponível na recepção, e a manutenção da distância recomendada.

Professores da educação infantil aprovam proposta para Acordo

Os professores que atuam na educação infantil exclusiva aprovaram, em Assembleia Geral realizada no dia 5 de novembro, de forma virtual, a proposta negociada pelo Sindicato para renovação da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT). As negociações iniciaram em agosto, após a ampliação da validade da última Convenção, garantindo direitos aos docentes deste nível até a conclusão do processo negocial.

“Vivemos um período complicado para a educação infantil durante a pandemia de coronavírus. O Sindicato agiu na defesa dos direitos dos professores negociando caso a caso com as escolas”, afirma Margot Andras, diretora do Sindicato. O novo documento prevê itens como o pagamento do 13º salário, reajuste salarial, além de cláusulas sociais e outros pontos.

Confira abaixo as principais alterações da Convenção Coletiva de Trabalho:

- **Reajuste salarial** – o salário dos professores das Escolas de Educação Infantil será reajustado no percentual de 2,46%, a contar da data de 1º/05/2020, sendo que a aplicação do percentual será negociada em março de 2021.
- **Pagamento do 13º salário** – o pagamento do 13º salário deverá ser realizado até o dia 20 de dezembro de 2020, com base na remuneração do mês de março/2020 pago pelas Escolas de Educação Infantil, excluídos os períodos em que houve suspensão temporária do contrato de trabalho, baseado na Lei 14.020/2020 (antiga MP 936/2020).
- **Redução de carga horária e respectiva redução de salário** – a partir da assinatura da Convenção Coletiva de Trabalho até 30/04/2021, a Escola de Educação Infantil poderá reduzir a carga horária e a remuneração dos professores em até 50%, preservando o mínimo de 4h aulas/dia.
- **Do uso de imagem, voz, conteúdo e direitos autorais** – os estabelecimentos de ensino poderão cumprir as horas do ano letivo de 2020/2021 com aulas síncronas, dentro da carga horária do professor, para seus alunos presentes na escola e alunos assistindo *on-line*, bem como por gravação da aula dentro da jornada de trabalho do professor.
- **Dia do Professor** – considerando que no *Dia do Professor* as escolas mantiveram suas atividades, será assegurado aos professores que trabalharam neste dia compensação equivalente a 4 horas do banco de horas.
- **Contribuição Assistencial ao Sinpro/RS** – o desconto da contribuição assistencial em favor do Sindicato Profissional será realizado em valor correspondente a 2,5% e será descontado no salário pago em dezembro/2020.

COMUNITÁRIAS

Aprovado acordo da educação básica das Ices

Em assembleia virtual realizada pelo Sinpro/RS no dia 5 de novembro, os professores das Instituições Comunitárias de Educação Básica aprovaram por maioria de votos a proposta de renovação do Acordo Coletivo de Trabalho Plúrimo 2020/2021, bem como aprovaram o desconto da contribuição assistencial/taxa negocial e definição do mês de incidência e assuntos gerais de interesse da categoria.

Ao longo das negociações, houve grande resistência dos representantes das instituições à proposta de reposição da inflação do período revisando – março de 2019 a fevereiro de 2020. “As dificuldades financeiras da maioria das universidades do Comung foram referidas por seus representantes, na tentativa de reajustar os salários bem abaixo da inflação do período. Na negociação, o Sindicato reafirmou a necessidade

de reposição da inflação, mesmo que como abono, até a próxima data-base, quando será incorporado à base salarial para nova negociação”, ressalta Cecília Farias, diretora do Sinpro/RS.

De acordo com a proposta negociada entre o Sindicato e a Comissão representativa do Comung (Universidades Comunitárias dissidentes do Sinepe/RS) e aprovada pela categoria, os professores das Instituições de Edu-

cação Básica do segmento comunitário irão receber a reposição da inflação calculada até fevereiro de 2020 na forma de abono salarial.

O percentual de 3,92%, portanto, não será incorporado aos salários, mas pago retroativamente a 1º de março de 2020, junto aos salários de outubro de 2020 e fevereiro de 2021. Pelo acordo, a primeira parcela do 13º já foi paga junto com o salário de outubro.

REABERTURA

Hotel Casa do Professor reabre em dezembro

O Hotel Casa do Professor reabrirá em dezembro para hospedagens de professores associados e seus familiares (dependentes). A reabertura respeitará todos os protocolos sanitários preventivos à covid-19 estabelecidos pelas normas estaduais e municipais. Durante a pandemia as instalações foram temporariamente desativadas.

Criada pelo Sinpro/RS em 2007, o Hotel Casa do Professor já se tornou referência de comodidade na capital, unindo localização central e por ser uma opção econômica para os associados, principalmente os provenientes do interior do estado, em suas passagens pela capital a estudo, trabalho ou lazer. São 25 apartamentos equipados com TV, micro-ondas, frigobar, ar-condicionado, internet e com uma agradável sala de convivência equipada com máquina de café, snacks, computador e televisão. Informações: (51) 4009-2988; casadoprofessor@sinpro.rs.org.br.



Foto: Igor Sperotto

REDE METODISTA

Cresce adesão à paralisação e acumulam atrasos salariais



Foto: Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino

Aumentou o número de instituições da Rede Metodista no Rio Grande do Sul paralisadas em função das pendências salariais. Na terça-feira, 3 de novembro, o colégio Americano aderiu à mobilização iniciada em outubro pelos professores do Centro Universitário Metodista (IPA), de Porto Alegre, e pelo Colégio e Faculdade Centenário, de Santa Maria.

A Rede Metodista vem enfrentando dificuldades em todo o país. No estado, são pendências que se acumulam desde dezembro do último ano, além de férias de 2020 e pagamentos parciais de abril a setembro. A falta de diálogo com a direção da Rede e a não previsão de novos pagamentos ou quitação dos atrasados vêm gerando insatisfação nos professores, o que motivou a paralisação.

“Os professores têm enfrentado problemas graves na Rede Metodista. As pendências salariais provocam um desgaste emocional e financeiro muito grande”, diz Margot Andras, diretora do Sinpro/RS. Ela explica que o Sindicato vem atuando desde o início da crise, levando o caso à Justiça do Trabalho e Ministério Público e buscando acordo que visa à quitação das pendências.

HISTÓRICO – Parte dos professores da Rede Metodista no estado já somam 4,75 salários pendentes. Em julho, os docentes do Instituto Metodista de Passo Fundo iniciaram uma ação que durou 55 dias sem atividades. Em setembro, todas as instituições metodistas do Brasil paralisaram suas atividades por um dia, o que foi chamado de *Dia do Basta*. O ato foi convocado pelos sindicatos e federações de professores e funcionários em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

13º SALÁRIO

Primeira parcela deve ser paga em novembro

O Sinpro/RS vem alertando os professores que atuam nas instituições de educação básica e superior para que fiquem atentos à data de pagamento da primeira parcela do 13º salário de 2020. A primeira parcela, equivalente à metade de um salário, deve ser depositada até o dia 6 de novembro.

O não pagamento ou o atraso no depósito da parcela acarreta em multa à instituição de ensino. A orientação do Sindicato é que os docentes informem o descumprimento da data prevista na Convenção Coletiva de Trabalho. A parcela restante deve ser paga até o dia 15 de dezembro de 2020.

EDUCAÇÃO INFANTIL – Os docentes que atuam na educação infantil exclusiva receberão o valor integral do 13º salário em dezembro, conforme Acordo Coletivo aprovado em Assembleia Geral, realizada em novembro pelo Sinpro/RS.

O CÉREBRO E A ATIVIDADE FÍSICA!

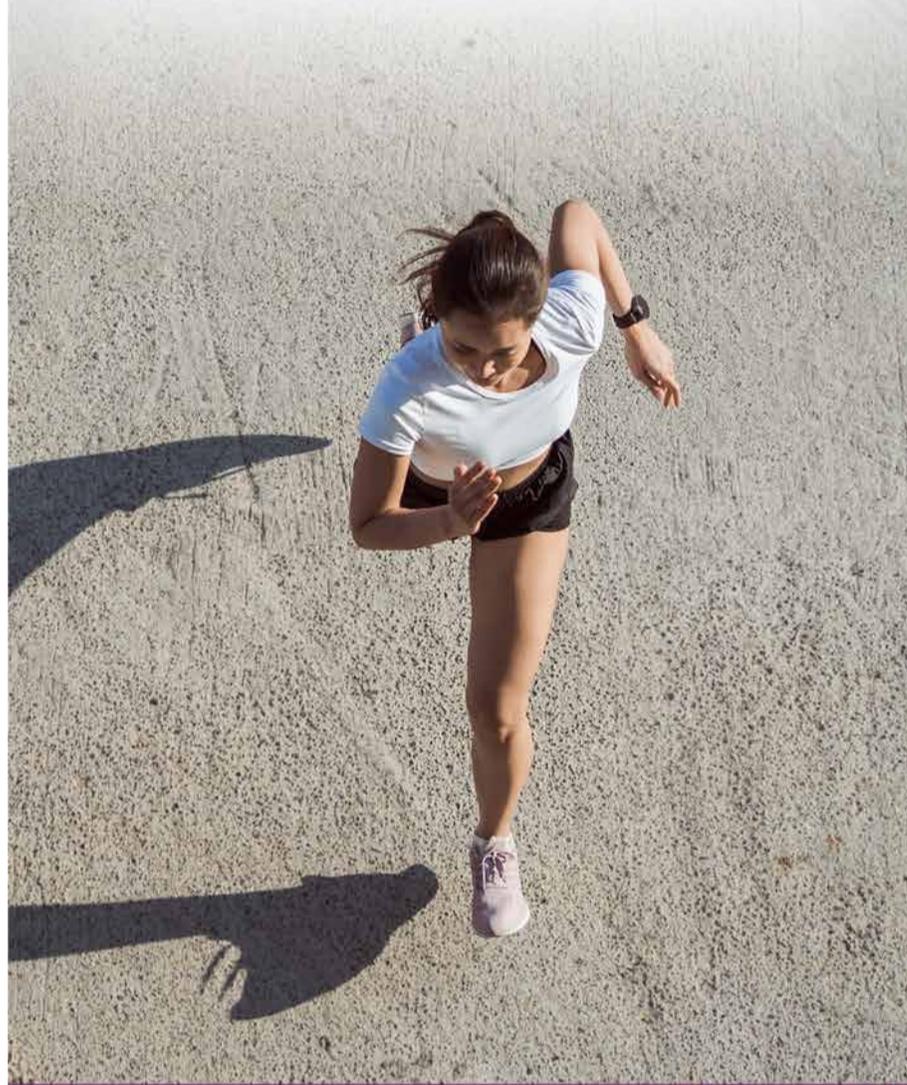
Estudos indicam que mexer o corpo fortalece tanto a massa muscular quanto a cinzenta. Evidências apontam que o exercício aumenta a capacidade do cérebro de se adaptar e criar novas conexões.

Alguns benefícios constatados:

- O exercício aumenta o fluxo sanguíneo para o cérebro, fornecendo oxigênio e glicose.
- Exercícios aeróbicos podem aumentar significativamente o fluxo sanguíneo para o hipocampo, a parte do cérebro responsável pela memória e aprendizagem.
- Indiretamente, o exercício melhora o humor, o sono e reduz o estresse e ansiedade.

Uma boa notícia!

Não é preciso se tornar um atleta. Realizar exercícios físicos, 30 minutos, três vezes por semana e manter uma vida ativa já são suficientes.



O Sinpro/RS compromete-se com sua qualidade de vida!

Pensando na saúde e bem-estar de associados e dependentes, o Sinpro/RS disponibiliza uma plataforma digital repleta de dicas, videoaulas de corrida, yoga, alongamentos, ginástica laboral, treinamento físico funcional, receitas e planos alimentares lowcarb e muito mais. Tudo isso num click, no seu smartphone ou desktop!

Acesse A PLATAFORMA SOMOS MOVE!

Faça seu cadastro. É livre e gratuita para os associados e dependentes do Sinpro/RS.

www.somos.pacevida.com.br/sinpro/RS/



CNEC: Justiça reestabelece valor hora-aula

A Justiça do Trabalho de Farroupilha determinou, em outubro, que a Rede CNEC reestabeleça o valor da hora-aula pago aos professores, antes da alteração irregular procedida pela instituição. A redução ocorreu no Colégio Angelo Antonello, de forma unilateral no segundo semestre deste ano.

A ação que resultou no reesta-

belecimento do valor foi ajuizada pelo Sindicato dos Professores (Sinpro/RS). Em caso de descumprimento da ordem, foi determinado pela Justiça o pagamento da multa de R\$ 100,00 por trabalhador prejudicado. A decisão foi em primeira instância, a Rede ainda pode recorrer.

Em julho, a CNEC já havia redu-

zido o valor hora-aula na unidade de Osório, que também foi reestabelecido por ação judicial do Sindicato na Justiça local. Para Sani Cardon, diretor do Sinpro/RS, as ações têm priorizado o pagamento dos salários. "Estamos acompanhando a situação da CNEC no estado e em contato com a direção nacional da Rede, em Brasília, para garantir

que os professores recebam corretamente os valores", diz.

Tramita ainda na Justiça do Trabalho uma ação que pede o cumprimento da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), no tocante ao reajuste anual de salários, o que não foi aplicado pela CNEC em 2020. A instituição ainda não cumpriu a determinação.

NAP

Apoio ao professor

"Mesmo em tempos de pandemia e de restrições, o Sindicato segue oferecendo aos professores seus serviços. Principalmente por ser um momento de crise, que exige muita sensibilidade no acolhimento aos docentes. Entre esses serviços, temos o Núcleo de Apoio ao Professor Contra a Violência (NAP), lembra Cecília Farias, diretora do Sinpro/RS.

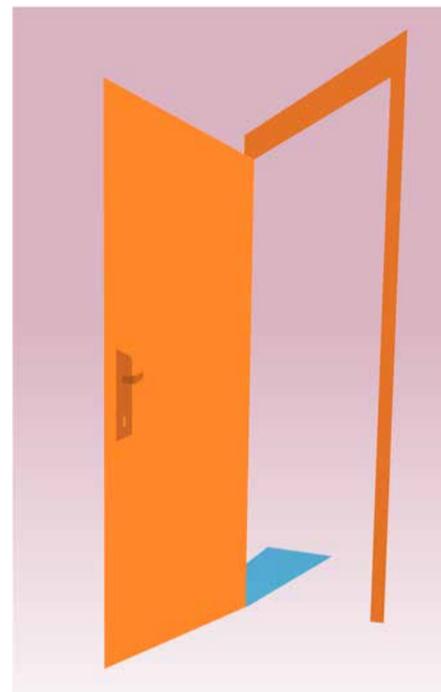
O NAP é um serviço oferecido aos associados do Sinpro/RS com o objetivo de apoiar os profes-

sores que sofrem violência implícita ou explícita no ambiente de trabalho, além de apoio psicológico no momento da rescisão.

Foi criado em 2007, a partir das discussões sobre a violência contra o professor, de pesquisas realizadas pelo Sindicato e relatos de professores durante rescisões de contrato que comprovaram a necessidade de um trabalho personalizado sobre a violência. O Núcleo é composto por uma equipe multidisciplinar formada por

diretores do Sinpro/RS, psicólogo e advogado.

O NAP oferece também um espaço para que os professores enviem seu depoimento sobre situações de violência moral, física, psicológica ou social que tenham sofrido no ambiente de trabalho. As manifestações serão avaliadas pela coordenação do NAP e servirão de apoio para o trabalho desenvolvido pelo Sindicato no enfrentamento da violência sofrida pelos professores.



APOSENTADORIA

por Daisson Portanova
Advogado da Apaepers



Aposentadoria por pontos (entre a EC 103/19 e 31 de dezembro de 2019)

As experiências vividas na prática, em face da reforma do governo Bolsonaro, estão sendo sentidas no dia-a-dia da atuação em relação aos benefícios concedidos.

Uma delas diz respeito a este curto espaço de tempo de pouco mais de 47 dias, mas pode gerar uma diferença em relação ao benefício concedido ao segurado que, ao exercer o pedido de sua aposentadoria após a Emenda, já possuía o direito adquirido à regra anterior.

Há certa confusão nas interpretações sobre a concessão destes benefícios, eis que a Emenda e recente Decreto reconheceram o direito à aposentadoria **sem a incidência do fator previdenciário** para os segurados que alcançassem o tempo mínimo para aposentadoria e os pontos devidos, ou seja, 86 pontos para mulheres e 96 para os homens até 31 de dezembro de 2019.

A norma é específica ao garantir o direito ao benefício, tão somente, sem a incidência do fator previdenciário, o que por si só não é suficiente para haver prejuízo para o segurado se implementar estas mesmas condições **antes da EC 103/19**.

O motivo é, em tese, simples. Lembremo-nos que o cálculo dos benefícios antes da EC 103/19 era pela média de 80% dos maiores salários, enquanto que, para os benefícios concedidos posteriormente a esta Emenda, passam a ser apurados sobre **100%** da média dos salários-de-contribuição vertidos pelo trabalhador.

Para que tenhamos a compreensão deste detalhe, como a Emenda

entrou em vigor em 13 de novembro de 2019, imaginemos um trabalhador que sempre tenha contribuído no teto. A média correspondente a 80% dos maiores salários resultaria no valor de R\$ 5.587,41; caso a média fosse a apurada com 100% dos salários, a média que serviria de base para aposentadoria seria menor, ou seja, R\$ 5.353,70.

Ou seja, um trabalhador que requereu a aposentadoria no dia 15 de novembro de 2019 teria uma renda de R\$ 5.353,70. Entretanto, se tivesse o mesmo tempo de contribuição e pudesse se aposentar em 13 de novembro a renda seria aproximadamente 5% maior.

Podemos até pensar que estes 5% não são uma perda substancial.

Mas é mais grave, em que pese a não aplicar o fator previdenciário, a regra nova diz: o percentual mínimo para incidir nas aposentadorias será de 60% + 2% ao ano que ultrapasse 20 anos, se homem, e 15, se mulher.

No exemplo, caso o segurado homem tenha 35 anos de tempo e 96 pontos, sobre a média de 100% das contribuições ainda será aplicado coeficiente de **90%**. A mulher teria 86 e o mesmo coeficiente.

No exemplo, a perda é de 15% no valor da aposentadoria. Esta situação pode ocorrer face ao universo de 47 dias entre a vigência da Emenda e a virada de ano, quando se alteram os pontos e critérios para aposentadoria, ou seja, quem demorou para requerer o benefício pode estar recebendo uma renda menor que a devida, repetindo a máxima: "Quem muito dorme, muito perde".

Um professor *giruá* batendo bola entre dois mundos

por César Fraga

Sandro Costa da Silva, 39 anos, é professor de Educação Física ao mesmo tempo no colégio São Francisco, tradicional escola privada do Bairro Menino Deus, em Porto Alegre, de cunho confessional e também na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Karáí Arandu, em Viamão, próximo ao Bairro do Lami, em Porto Alegre, com cerca de 3,5 mil habitantes. Duas realidades distintas tanto em termos culturais, quanto estruturais. Em comum, crianças e adolescentes vivendo as restrições impostas pela pandemia de covid-19.

“Na aldeia indígena temos uma presença forte da cultura e dos valores guaranis, que envolvem o senso de liberdade sem descuidar da própria cultura, com muita ênfase ao trabalho coletivo. Na escola privada também temos, ao menos na escola em que atuo, muitos desses aspectos, porém com uma cultura um pouco diferente. Entre indígenas o contato entre estudantes é próximo com menos situações de atrito do que na rede privada”, distingue Sandro. “Por outro lado, há semelhanças. Por exemplo, devido ao cunho religioso da escola privada, trabalha-se muito o respeito e a solidariedade, então acaba que há muitas similaridades também”, conclui.

Com o distanciamento social, os professores de fora da aldeia estão encaminhando os conteúdos com os docentes indígenas que moram na aldeia, no sentido de evitar a proliferação do vírus na comunidade a fim de preservar estudantes e a população indígena. A escola já atua com ensino médio, aguardando a homologação.

O currículo é híbrido. Mistura elementos da cultura indígena guarani com a base curricular do estado. “Nós atuamos conjuntamente com os professores guaranis que atuam até o quinto ano. Nós, os *giruás* (não-guaranis), atuamos do sexto ano ao ensino médio. Além disso, os alunos têm estudos complementares com língua guarani, de cultura guarani, inclusive na parte de educação artística e artesanato”. Ele destaca que este hibridismo define inclusive os limites de até onde os *giruás* podem ir com determinado assunto. “Na Educação Física, inclusive, as abordagens muitas vezes passam pelo crivo e construção conjunta com o cacique e vice-cacique da aldeia no sentido de não ferir os costumes guaranis”, explica. “Basicamente para definir até onde nossa cultura pode entrar na cultura deles sem que uma confronte a outra”, define.

Leia matéria completa em
EXTRACLASSE.ORG.BR



Sandro Costa da Silva atua na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Karáí Arandu, em Viamão

PALAVRA DE PROFESSOR

por Marcelo Frizon

Professor dos colégios Dom Bosco, Santa Cecília e Leonardo da Vinci Alfa

Quem perdeu o ano letivo?

Há alguns meses, quando ficou evidente que a pandemia demoraria a ser superada, a imprensa começou a divulgar análises de especialistas da área de Educação sobre como o ano de 2020 estava perdido. O problema dessas análises, que vêm sendo reproduzidas inclusive por quem não é especialista da área, é que elas generalizam algo que se refere especialmente ao ensino público, que demorou muito mais tempo para organizar aulas a distância do que o ensino privado. E o sistema disponibilizado pelo ensino público não tinha como ser 100% eficaz, já que nem todos os estudantes tinham condições de acompanhar as aulas, seja por falta de equipamento adequado, seja pela falta de acesso à internet.

No ensino privado, escolas e professores adequaram-se a um novo modelo de aula a distância, e a maioria conseguiu fazer isso rapidamente. Em geral, professores têm dado aula ao vivo, através de plataformas como *Google Meet* e *Microsoft Teams*, em que compartilham suas telas exibindo fórmulas, cálculos, anotações, explicações, o próprio livro didático etc. O ensino não parou. Ele se transformou, é claro, e o aluno dedicado conseguiu aproveitar facilmente as aulas oferecidas, aprender os conteúdos ensinados e manter seus estudos.

Obviamente, não foi fácil para todo mundo. Muitos ainda têm dificuldade ou resistência em aprender seguindo o modelo à disposição. Para o aluno mais tímido, é difícil tirar uma dúvida de forma mais reservada, por exemplo. Para o professor, também é difícil perceber quem realmente está acompanhando e aprendendo o conteúdo ensinado.

Por isso, este era o momento em que as famílias deviam entrar em cena para garantir envolvimento dos alunos com as aulas. Para funcionar um modelo como o descrito, a participação dos pais é fundamental. Isso não significa que eles (os pais) precisariam estudar novamente equações de 2º grau ou o período composto por subordinação. Bastaria que ficassem atentos à participação do estudante na aula. O resto é com o professor, com a escola.

No entanto, muitos estudantes, especialmente adolescentes, têm assistido às aulas embaixo dos lençóis. Eles compraram o discurso de que o ano letivo está perdido. O ano letivo só está perdido para quem quis perdê-lo. E para os professores, foi um ano de muito ensino e, claro, de muito aprendizado.

A seção Intervalo se propõe a revelar o perfil humano dos professores ao relatar experiências de educadores que desenvolvem atividade diversa da docência, seja de forma profissional ou como passatempo. A coluna Palavra de Professor é destinada a artigos de professores, com 2.500 caracteres. Envie sua sugestão aos editores: extraclasse@sinprors.org.br.



Borgen: a política como dignidade

“Borgen é, de fato, um curso sobre a política e seus desafios éticos, cuja história se desenvolve a partir das exigências por políticas públicas eficientes, das disputas eleitorais e dos processos de tomada de decisões dos líderes políticos”



Foto: Divulgação/Netflix

No centro de Copenhague está o Palácio de Christiansborg, uma bonita construção barroca e neoclássica onde funcionam o Parlamento dinamarquês, o gabinete do primeiro ministro e dos líderes partidários e a Suprema Corte. Alguns espaços são também utilizados pela rainha Margarida II. Trata-se do único prédio do mundo a abrigar os três Poderes. O prédio explica o nome da extraordinária série dinamarquesa *Borgen*, disponível na Netflix em três temporadas.

A protagonista da série é Birgitte Nyborg (Sidse Babett Knudsen), a líder do “Partido dos Moderados” que se torna a primeira mulher a assumir o cargo de primeira-ministra. O enredo é ficcional, mas reflete tão proximamente quanto possível a realidade política dinamarquesa que, atualmente, possui dez partidos efetivos, desde a extrema direita representada pelo Partido Popular Dinamarquês (*Dansk Folkeparti*) até às posições mais à esquerda identificadas com a sustentabilidade como a Aliança Vermelho e Verde (*Enhedslisten-De Rød-Grønne*) e o Partido Popular Socialista (*Socialistisk Folkeparti*). Um fato curioso é que, após a TV dinamarquesa ter exibido a segunda temporada da série, Helle Thorning-Schmidt, líder do Partido Social Democrata, se transformou na primeira mulher a ser eleita primeira-ministra em seu país (2011-2015).

Borgen é, de fato, um curso sobre a política e seus desafios éticos, cuja história se desenvolve a partir das exigências por políticas públicas eficientes, das disputas eleitorais e dos processos de tomada de decisões dos líderes políticos. Com didatismo e perspectiva crítica, *Borgen* vai mostrando o jogo de interesses que integra a cena democrática, a influência dos empresários sobre os governos, as complexas relações internacionais – com temas como as reivindicações do povo *inuit*, da Groelândia, e os compromissos militares da Dinamarca com a Otan, o papel desempenhado pela imprensa na cobertura política e da assessoria de imprensa da primeira-ministra, além de um conjunto de questões que envolvem as relações entre a vida privada e familiar e os compromissos públicos.

Birgitte disputa o centro da política dinamarquesa, mas é uma liderança com posições avançadas (situadas à esquerda de grande parte da esquerda brasileira, por exemplo). Não é imune a contradições e, eventualmente, tem dificuldades de posicionar-se diante da complexidade das tarefas de governo, porque elas – frequentemente – desafiam seus valores políticos e morais. Esse é um dos aspectos, aliás, que assegura densidade à trama. Embora a personagem seja cativante, sabe-se que estamos diante de uma pessoa, não de

um mito. Os dilemas políticos de cada capítulo, além de extremamente realistas, evidenciam o peso que os valores consequencialistas possuem nas decisões políticas e o quanto é desafiador encontrar uma síntese entre eles e as posturas éticas fundadas em princípios, um conflito que Max Weber identificou como “ética da responsabilidade” versus “ética da convicção”.

Não parece casual, também, que o quadro político mais capaz e moralmente mais íntegro da série seja uma mulher. Em toda a história, as mulheres situam-se vários passos à frente dos homens, como se percebe, por exemplo, no contexto paralelo da TV1 e do jornal sensacionalista *Ekspress*, com destaque para a repórter Katrine Fønsmark (Birgitte Hjort Sørensen). Aliás, a série trata com especial precisão temas do dia a dia do jornalismo, mostrando o que há de melhor e de pior no gênero.

Borgen merece ser apreciada como uma exposição persuasiva em favor da civilização e em defesa da política pensada como dignidade. O enredo permite que se compreenda melhor o funcionamento do sistema parlamentarista e agregue muitas informações a respeito dos valores culturais comuns nos países escandinavos. O contraste com a política praticada no Brasil é de tal monta, que determinadas marcas de nossa tradição ficam mais visíveis, já que é impossível

assistir aos episódios sem lembrar dos procedimentos, discursos e hábitos que se tornaram comuns entre nós. Assim, por exemplo, quando a primeira-ministra se desloca de bicicleta ou quando sai apressada do trabalho, porque era o seu dia de pegar as crianças na escola, nos lembramos das imagens de carros oficiais, batedores e complexos sistemas de segurança montados para o deslocamento de autoridades brasileiras inclusive em atividades não oficiais ou privadas.

Em verdade, a degradação política no Brasil é um fenômeno tão avassalador que sequer a lembrança da dignidade tem mais espaço. O caso recente do senador bolsonarista flagrado com milhares de reais na cueca não é sequer inédito porque, como se sabe, há cuecas de muitas cores partidárias. Coisas do tipo há muito não produzem indignação no meio político, exatamente porque dizem respeito ao tipo de comportamento que alça figuras medíocres aos mais altos postos, não raro com discursos moralistas que reforçam a demanda punitiva. Quando figuras deste tipo se tornam líderes, o que resta para a política além da crônica policial? E uma vez não havendo política – e, portanto, não mais disputas regradas em torno de projetos nacionais – o que resta ao país para além do desespero? Também por conta dessas perguntas, é importante assistir *Borgen*.

Livro, artigo de luxo?

Foto: Igor Sperotto

Arte⁺



por Marcelo Menna Barreto

A declaração do ministro da Economia Paulo Guedes de que a isenção de tributos para livros – em agosto passado – deveria acabar porque ele é “artigo de luxo” voltado para elites foi a cereja colocada em cima de um bolo indigesto. De um lado, reações da indústria livreira que teme por sua sobrevivência, de outro, a constatação de que o pouco conquistado em termos de formação de leitores no país nos últimos 25 anos está em retrocesso.

A fala foi considerada infeliz pelo presidente da Associação Nacional das Livrarias (ANL), Bernardo Gurbanov. “É quase como uma afronta”, diz, para defender uma proposta que onera a comercialização de livros através da Contribuição Social sobre Operações de Bens e Serviços (CBS). Trata-se da primeira proposição do governo para, com futuras iniciativas, reformar as questões tributárias do país. Proposta essa que foi considerada tímida em diversos setores da sociedade por não contemplar a simplificação dos tributos e não tocar em um tema essencial, como aliviar a vida dos mais pobres e da classe média.

O tributo pretende ser aplicado a todos os setores, sem exceção. Serão índices de 11 a 12%, incidindo, inclusive, sobre a cesta básica. No caso dos livros, os 12% sobre o produto final promete, na opinião de especialistas, ferir ainda mais um setor que encolheu 20% na última década e que, em abril, amargou ainda uma queda de 47% em seu

faturamento comparado com o período anterior.

Do ponto de vista político, também sobram críticas. Para o escritor e professor de escrita criativa Jéferson Assunção, “a defesa do livro diante do bolsonarismo é questão civilizatória hoje”. Assunção, na verdade vai mais longe: “A ultradireita no mundo todo ataca os livros. Eles estão querendo acabar com a racionalidade em nível mundial”.

Em um cenário que também espelha o impacto digital na vida dos consumidores, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* mostra que, ao contrário do sugerido por Guedes, a elite econômica não é a que mais lê. Pelo contrário, se afasta do produto que ele chama “artigo de luxo”.

José Castilho Marques Neto, consultor para as áreas de livro, bibliotecas e formação de leitores, entende que a frase do ministro de Bolsonaro não deve ser vista como algo ocasional e por conta de uma proposta que busca somente uma reforma fiscal no país.

Na realidade, para ele, que em duas ocasiões foi o secretário executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) junto aos Ministérios da Cultura (MinC) e da Educação (MEC), a declaração faz parte de uma pauta que, acredita, será permanente no atual governo: o combate e o menosprezo ao conhecimento.

Castilho diz que os esforços que foram feitos nos últimos 25 anos para a formação de leitores em um país onde se lê muito pouco estão sendo jogados fora. O atual Departamento do Livro e Leitura – que até o afastamento de Dilma Rousseff, era uma importante diretoria do Ministério da Cultura – está sem comando.

Conta outra

O resultado para a política de formação de leitores é que, “até agora a iniciativa que veio do governo, há uns dois meses, aconteceu via MEC e é algo assustador”, opina. Castilho se refere ao projeto *Conta pra mim*.

Para ele, a ação voltada para as classes C, D e E está fora da realidade. “Até a publicidade do programa mostra isso”, diz. A campanha, ressalta, mostra gente que não tem nada a ver com o perfil do povo brasileiro. Ao retratar, por exemplo, negros, reproduz o estereótipo de “uma família negra de classe média americana”, registra.

Moralismo censor

O ex-secretário executivo do PNLL ainda questiona a qualidade literária do *Conta pra mim*. “Destruí toda a linguagem simbólica dos próprios contos de fadas”, afirma.

Como exemplos, fala do Lobo Mau que não é morto pelo caçador, mas cai em um rio e “some para sempre” e da Branca de Neve que não é desperta pelo beijo do príncipe. “A maçã que estava engasgada na garganta dela sai quando um dos anões tropeça”, diz.

De fato, Castilho entende que por trás do “vai ser só historinha bonitinha, fica tranquila”, dita pelo então ministro da Educação Abraham Weintraub para uma jornalista no lançamento do programa

Especialistas questionam

A inquietação contra a ação do MEC ainda fez que personalidades ligadas à área da leitura e do livro, pesquisadores, educadores e bibliotecários lançassem um manifesto de protesto.

No documento, a denúncia de que o programa tem bases em conceitos “ultrapassados, preconceituosos e excludentes de educação e de família” e é concebido “a partir de valores morais e religiosos, como o certo e o errado, o bom e o mau, o bonito e o feio”.

Para os signatários, o *Conta pra mim* também desconsidera “o vasto e qualificado conhecimento acumulado de pesquisas sobre a literatura infantil e formação de leitores”.



José Castilho Marques Neto, consultor

Foto: Ze Carlos Barretta

em 2019, está o “moralismo fundamentalista dos olavistas” que estão assentados no MEC.

À frente da *Conta pra Mim* está o secretário de alfabetização do MEC, Carlos Nadalim. Admirador e ex-aluno de Olavo de Carvalho, ele defende o *homeschooling* (ensino domiciliar), uma proposta polêmica a ponto de ser considerada crime na Alemanha e na Suécia.

Não é à toa que até agora a única iniciativa para a formação de leitores no governo Bolsonaro promove a literacia familiar. São ações onde crianças têm acesso a experiências relacionadas à leitura e à escrita diretamente com seus pais ou responsáveis.



Personalidades ligadas à área da leitura e do livro, pesquisadores, educadores e bibliotecários lançaram um manifesto contra o programa *Conta pra Mim*

Mercado desmente homem do mercado

O argumento de Paulo Guedes para acabar com a isenção nos livros acabou sendo desmentido pelo próprio mercado.

Apesar do índice de leitores no Brasil ainda ser muito baixo, a última pesquisa *Retratos da Leitura do Brasil* dos Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural mostra que, ao contrário do pensamento do ministro, as classes C,D e E leram mais livros do que as classes A e B.

Dos 34 milhões de leitores

(aqueles que leram ou interagiram com um livro nos últimos três meses), 70% se encontram nas classes C,D e E.

Outros dados da pesquisa mostram que as pessoas com nível superior e das classes A e B, – potenciais compradores de livros e de “artigos de luxo” – estão dedicando seu tempo livre mais no acesso à internet e às redes sociais.

“O ministro desconhece o Brasil”, declara Castilho sobre Guedes. Se-

gundo o especialista, decretar que um livro seja um artigo de luxo é não saber, por exemplo, que no ano de 2008 houve um crescimento de 58% das chamadas bibliotecas comunitárias, aquelas que são feitas pelos cidadãos, independente do apoio do setor público ou privado.

Castilho diz que existe um enorme movimento em torno do livro e da literatura nas mais variadas regiões do Brasil “que lê e escreve”, pontua.

“É muita produção oral que se transforma em escrita. Por isso, repito, quem diz que isso tudo é coisa de elite não conhece a realidade do país, a não ser a partir de uma ótica elitista”, reafirma.

Castilho, no entanto, reconhece que, se existe uma faixa “resiliente”, uma grande parcela da população não lê. Por isso, lamenta que o governo não apenas busca onerar o livro, mas “está operando para atacar a formação de leitores no Brasil”.

Artigo essencial

Bernardo Gurbanov é categórico: “O livro é essencial, não de luxo”. Para o presidente da ANL, “não parece que Paulo Guedes tenha uma má formação, mas tem uma visão que podemos discutir longamente”.

A proposta de doação de livros para as classes mais pobres, usada como contra-argumento aos opositores da tributação, por exemplo, é uma das críticas. “Vamos doar livros é quase como coisificar o cidadão. Peca na liberdade de escolha”, afirma Gurbanov, que indica ainda a contradição do ministro. “Prega o liberalismo, mas coloca agora o Estado como paternalista.”

Gurbanov lembra que o livro desde 2004 tem as alíquotas do PIS e Cofins zerados. “Não é isento. O livro e o seu processo todo paga, sim, impostos e contribuições. Só não é pago quando vai da livraria

para o consumidor final”, esclarece.

Com a ideia do governo, as editoras terão que acrescentar em seus preços de capa, a CBS. “Para uma indústria que tem contribuições zeradas, 12% é a tornar inviável”.

O problema vai, segundo Gurbanov, acabar nas livrarias. “A editora vai ter que administrar o preço de capa. Já a livraria não tem como fazer isto”. Ele lembra ainda que devido à competição acirrada, o livreiro já não vende mais pelo preço de capa, mas com descontos. “Isso significa menos dinheiro no caixa e qualquer desconto que se der, ainda terá que ser pago os tais 12%”.

O impacto no preço final, estima, pode chegar a 20%, o que, de concreto, servirá ainda mais como efeito desestimulador.

Para o setor livreiro, a proposta

Foto: Acervo Pessoal/ Divulgação



O presidente da Associação Nacional das Livrarias (ANL), Bernardo Gurbanov, considera infeliz a fala do ministro da Economia. “É quase como uma afronta”, diz

do Guedes vai na contramão da democratização do livro. O dilema que fica é: tornar o livro ainda menos

acessível ou pressionar por políticas públicas para que ele tenha uma presença maior entre a população?

Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil

www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao

D3

SINPRO/RS

EXTRA Seu antídoto para fake news

RANKING SALARIAL SALÁRIO CERTO

DIREITOS CONVÊNIOS

Direitos, convênios e principais serviços do Sinpro/RS

Vai no App que têm!

Baixe o aplicativo do Sinpro/RS. É rápido, prático e cheio de vantagens.

GET IT ON Google Play

Download on the App Store



FRAGA

Desconversa mole

Esta semana, numa folga do Brasil insensato, fiz um exame de rotina. Como não tenho agenda, reuni uma coleção de papezinhos onde anoto, de forma aleatória, esparsa, coisas a serem lembradas. Tá tudo lá, em gavetas, enfiados em livros, largados na mesa. Bagunça errática de palavras soltas, palavras-chaves que depois não abrem coisa alguma, como inúteis pedras de roseta em celulose.

Os papéis variam no tamanho, geralmente cadáveres esquartejados de uma folha A4. Reaproveito o verso de textos impressos que até valiam a impressão, mas depois não me impressionam mais. Enquanto a impressora se adona da frente, me aposso do verso, textos em georgia ou garamond de um lado, manuscritos e garranchos do outro.

Antes de enfeixar todo o material para examinar, reparo no conteúdo disperso nos fragmentos: afazeres, providências, compromissos, enfim, coisas rotineiras. Essas anotações vêm se acumulando desde que a quarentena começou. Sempre foram feitas, em menor escala. Agora, separados em montinhos na mesa, um mini himalaia do que era pra fazer e não foi feito.

Se eu tivesse uma agenda, seria mais fácil um checkup. Pegava a agenda e fazia logo uma tomografia computadorizada daquelas páginas cheias da mesmice quarentenal. As imagens poderiam mostrar os problemas ocultos na repetição dos atos domésticos. Confirmaria a má postura do meu cotidiano sistemático. Ou a suspeita de procrastinação incurável. Sei lá.

De nada me serve a tecnologia high tech quando o que tenho à vista é essa papelada desorganizada. Começo a reler os rabiscos, rastros esferográficos e hidrográficos de um dia a dia indistinguível. Mudarê de referências que nada referem agora. Parecem confusas ilhas no meio do meu particular Rio Lette, o mitológico rio do esquecimento.

Sem ser meticuloso, examino papel por papel. Sete meses registrados que nem configuram o rascunho de um ano. Apenas passo os olhos aqui e ali, mal pisco, desinteressado. O diagnóstico é óbvio: minha rotina encolheu durante a pandemia. Tem os mesmos m2 do apartamento.

Acabo o exame superficial e a rotina, porém, continua: recolher os vestígios dos dias, decidir entre rasgar metodicamente ou picar a esmo, alimentar a lixeira com a razão temporal. Depois segue tudo pro lixo seco, pra usina devoradora dos nossos desperdícios materiais e imateriais.

Ainda bem que não transformei isso em crônica para algum jornal. Seria repetitivo.



PROGRAMAÇÃO
ECARTA

Confira a agenda cultural completa em ecarta.org.br.

SHOWS VIRTUAIS

Ao vivo pelo Youtube | 18h

14/11 – Pupilas Dilatadas em *Acústico Punk*.

No palco, Felipe Messa, Veri D'Avila e Rogério Bittencourt.



Foto: André Netto

ARTES VISUAIS

Porto Alegre

17/11 – Abertura da mostra comercial + **15 Ecarta Aberta**, com obras de Zoravia Bettiol, Xadalu, Maria Tomaselli, André Venzon, Gelson Radaelli, Cláudia Sperb, Cláudia Hamerski, Sandro Ka, Paulo Correa, Patrick Rigon, Milton Kurtz, Mario Rohnelt, entre outras doações.

Visitação: de terça a domingo, das 10h às 17h, mediante agendamento prévio pelo telefone 4009-2970.

Live

26/11, 19h – *A diversidade na arte contemporânea*, com Diego Groisman.



Foto: Igor Sparotto

CONVERSA DE PROFESSOR VIRTUAL

Inscrição gratuita | 19h

05/11 – *Educação para a Mídia: o meio ambiente na comunicação*, com a jornalista Clara Glock.

12/11 – *Cooperação – Uma força que aproxima e mobiliza*, com o educador físico Jader Denicol do Amaral.

19/11 – *Criando e contando histórias: do afeto à palavra*, com a pedagoga Márcia do Canto.

Local: página da Fundação Ecarta no Youtube.

CULTURA DOADORA

Até 31/12 – Curso de extensão: *Educação permanente em doação de órgãos para profissionais da saúde*. Instituições de ensino interessadas entrar em contato pelo e-mail culturadoadora@fundacaoecarta.org.br.

ECARTA APOIA

Até 15/11 – *66ª Feira do Livro de Porto Alegre*. Neste ano com todos os eventos com transmissão *on-line* e gratuita, com acesso no site da Feira (<https://feiradolivropoa.com.br/programacao>).



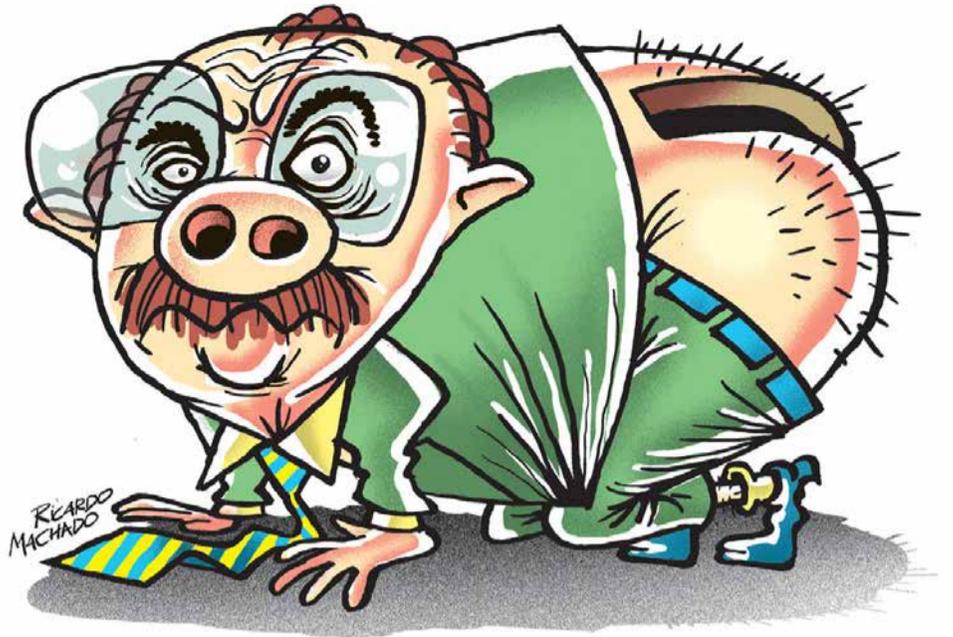
VERISSIMO

"Buttocks" e cueca

Chargistas e humoristas não receberam ordens para manear quando afundam, desculpe, no assunto, claro. Estão apenas fazendo o que fazem muito bem, e dinheiro entre "buttocks" ou na cueca do vice-líder no Senado de um governo que iria acabar com a corrupção é um assunto irresistível demais, e as piadas não acabam

O jornal *The Guardian*, da Inglaterra, deu a notícia com precisão anatômica: o senador Chico Rodrigues estava com dinheiro entre seus "buttocks", nádegas. A imprensa brasileira preferiu localizar o inusitado cofre do senador numa vaga "cueca", que abrange as nádegas mas, desculpe, não vai tão fundo. Ou o *Guardian* tem informantes que ninguém mais tem sobre os hábitos do senador, ou está querendo nos anarquizar – ou precisa explicar seu noticiário exclusivo. Ou então o que deve ser estudado é a opção da imprensa nacional pela cueca em vez dos mais desmoralizantes "buttocks". Por que escolheram a menos desmoralizante?

Minha interpretação é de que com o dinheiro escondido nos fundilhos do senador chegamos a uma espécie de limite de tolerância com nós mesmos. Não nos aguentamos mais. De vexame em vexame, culminando, desculpe, com a história do dinheiro entre os "buttocks" ou na cueca, nos convencemos de que o Brasil não tem mais graça. Não somos mais nem folclóricos, o folclore que nos redimia amargou. Ficamos

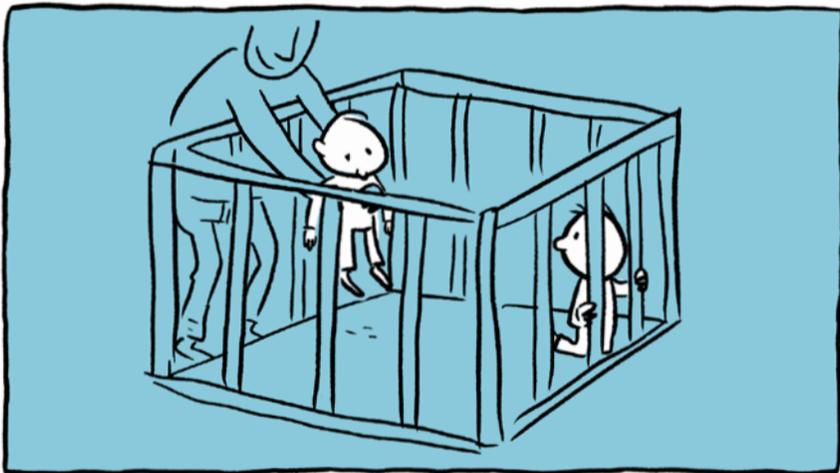


grotescos, reduzidos às peculiaridades que nos caracterizavam quando éramos simpáticos e hoje só divertem o mundo.

Chargistas e humoristas não receberam ordens para manear quando afundam, desculpe, no assunto, claro. Estão apenas fazendo o que fazem muito bem, e dinheiro entre "buttocks" ou na cueca do vice-líder no Senado de um governo que iria acabar com a corrupção é um assunto irresistível demais, e as piadas não acabam. Mas imagino que o sentimento que predomina até entre os mais acerbos críticos desse governo é o de tristeza. Uma tristeza imensa, continental, amazônica. O que fizeram do Brasil! Aquele país tão promissor, que fim levou? Para onde o levaram?

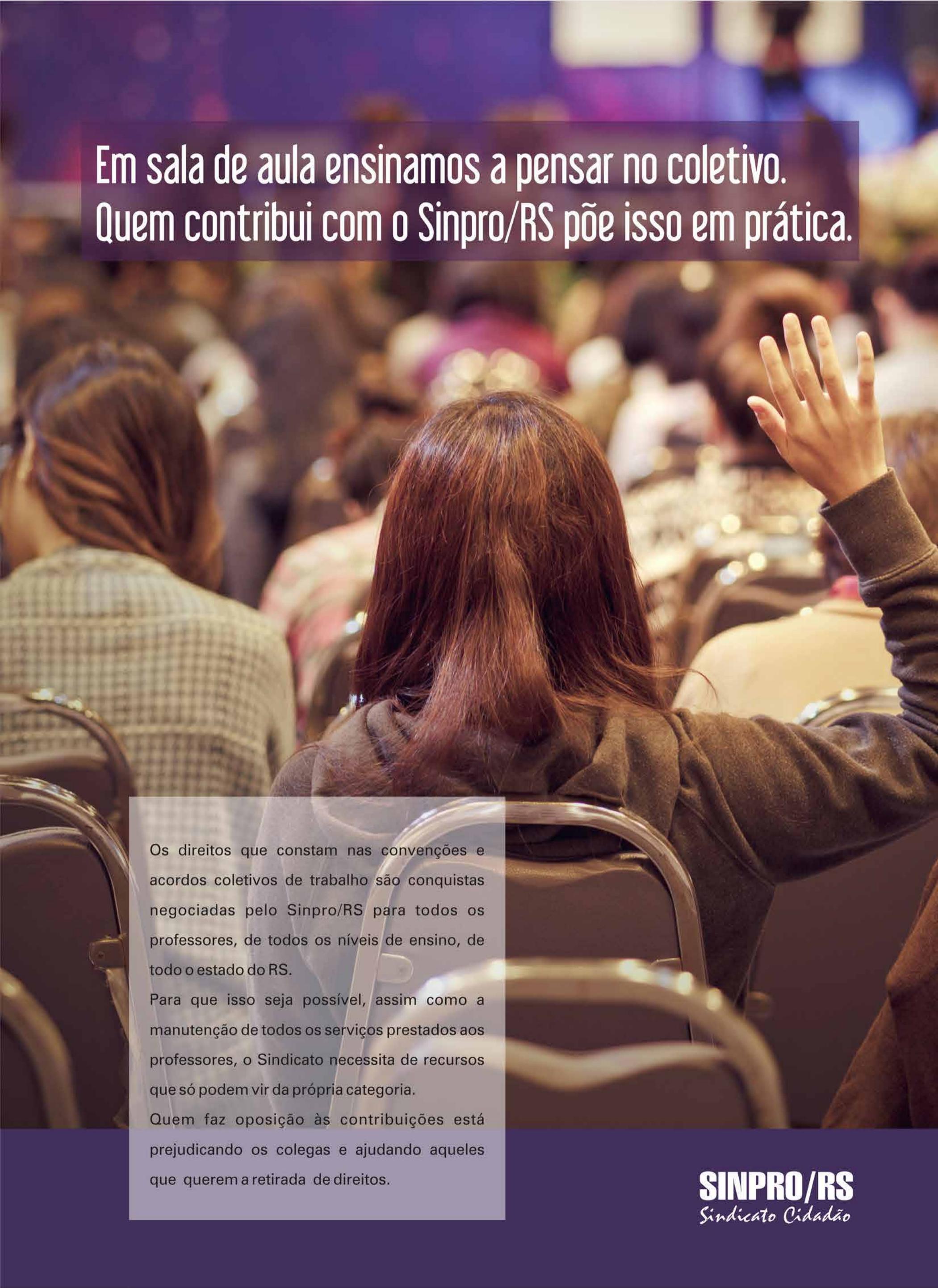
Eu acho que os vexames começaram junto com o governo Bolsonaro, quando o presidente, recém eleito comentou que um dos seus filhos poderia ser o embaixador brasileiro em Washington – e ninguém reagiu. Tínhamos ali uma medida do homem e uma oportunidade de chamá-lo para a realidade, mas ninguém reagiu. Depois ficou tarde e multiplicaram-se os vexames.

RATO FALHO / RAFAEL CORRÊA



RANGO / EDGAR VASQUES





Em sala de aula ensinamos a pensar no coletivo.
Quem contribui com o Sinpro/RS põe isso em prática.

Os direitos que constam nas convenções e acordos coletivos de trabalho são conquistas negociadas pelo Sinpro/RS para todos os professores, de todos os níveis de ensino, de todo o estado do RS.

Para que isso seja possível, assim como a manutenção de todos os serviços prestados aos professores, o Sindicato necessita de recursos que só podem vir da própria categoria.

Quem faz oposição às contribuições está prejudicando os colegas e ajudando aqueles que querem a retirada de direitos.

SINPRO/RS
Sindicato Cidadão